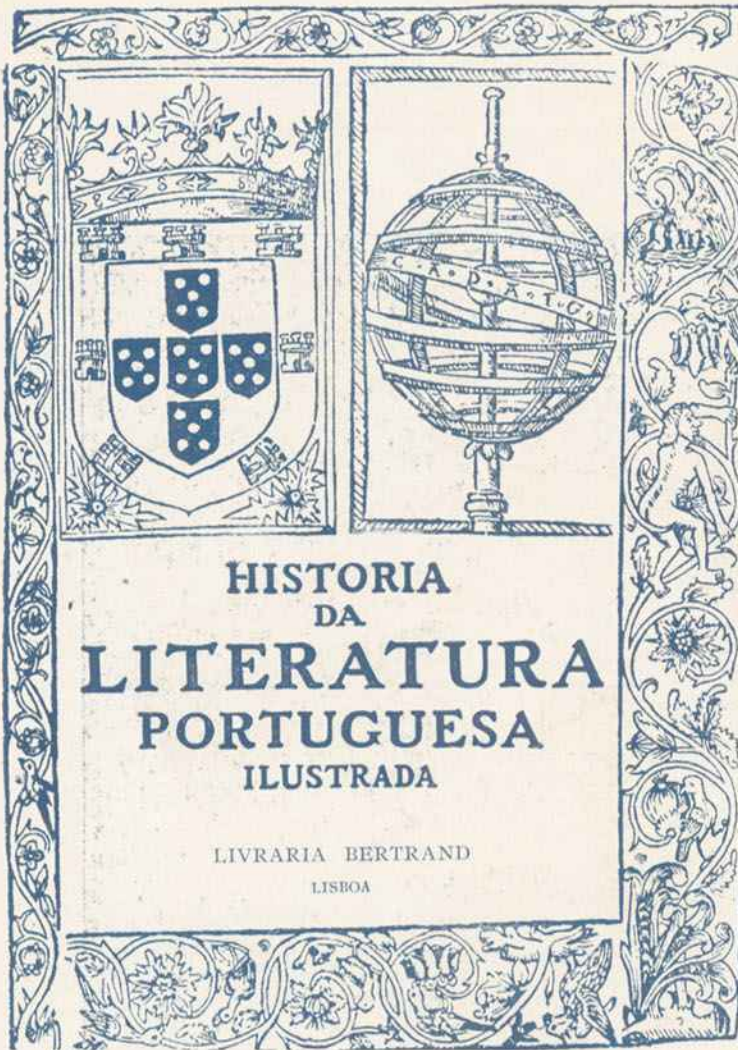


ILUSTRAÇÃO



A CÉLEBRE VEGETA DE CINEMA MARIAN MARSH



HISTORIA
DA
**LITERATURA
PORTUGUESA**
ILUSTRADA

LIVRARIA BERTRAND
LISBOA

A sair brevemente o XXXIV tomo

A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE

EDITADA EM PORTUGAL

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra o reembolso (só para o continente e ilhas) 11\$50

3 meses 6 meses 1 ano

Assinatura (pagamento adiantado) 30\$00 59\$00 118\$00

REGISTADO

ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHA 34\$50 67\$00 132\$00

ÍNDIA, MACAU E TIMOR 36\$00 79\$00 138\$00

ESTRANGEIRO 37\$00 72\$00 142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

- AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.
AFONSO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa.
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.
ANTÓNIO BAIÃO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
BRITO CAMACHO, escritor.
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da *História da Colonização do Brasil*.
CRISTÓVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.
CORELHO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Etnológico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos camoneiros na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JÓLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUÍS XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GAIO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa.
MOSES BENSABAT AMELACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
P. M. LARANJO CORELHO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUEIRÓS VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
S. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL

A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32 x 25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PÁGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHÉ,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

E CONTERÁ

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-símiles de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a côres.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALIZADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... .. 10\$00

**Está doente
com Sezões?**

Experimente o

FEBRICIL

Se tem amôr á vida, tome-o

Medicamento contra as Febres Palustres. — Não contem quinino. — Todos o podem tomar sem receio. — Tónico. — Reconstituente. — Aperitivo.

Á venda nas principais Farmacias e Drogarias

Centos de testemunhos insuspeitos á disposição dos interessados que os queiram examinar

NA

COMPANHIA COMERCIAL DE QUIMICA INDUSTRIAL

Rua do Carmo, 15, 1.º — LISBOA

Telefone: 2 4380 — Telegramas: FEBRICIL — LISBOA



Depois das Compras

subsiste talvez uma leve sensação de cansaço, ou mesmo, tendencia para dores de cabeça. Para afastar a fadiga e restaurar o seu bem estar beba uma chavena d'esse nectar que refresca, estimula e delicia.



CHÁ HORNIMAN

Sómente em pacotes

de 14—50—125 e 250 gramas.



PESCANDO

—Eh! valentê, safá! como queres pescar, se o anzol não tem isca?

—Hom'essa! eu bem sei o que faço; eu cá não engano ninguém: o que de boa mente quiser picar, que pique.

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand, Ltd.^a

Editor: Francisco Amaro

Composto e impresso na tipografia da Sociedade Gráfica Editorial, Rua da Alegria, 30 — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular. (Registada)	30\$00 32\$40	60\$00 64\$00	120\$00 129\$60
Ultramar Português (Registada)	—	64\$50 69\$00	129\$00 138\$00
Espanha e suas colonias (Registada)	—	63\$50 67\$50	126\$00 135\$00
Brasil (Registada)	—	66\$00 75\$00	132\$00 150\$00
Outros países (Registada)	—	75\$00 84\$00	150\$00 168\$00

Administração — Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

Visado pela Comissão de Censura



**Alegria as
Crianças**

Dê V. Ex.^a Maizena Duryea em abundancia a seus filhos e eles crescerão robustos, de faces rosadas e cheios de saúde.

A Maizena Duryea é um alimento natural e saudavel, que as crianças comem com avidez. E são tantos os pratos deliciosos que se podem confeccionar com Maizena Duryea, que jámais cansa o paladar. E' tambem um alimento economico e facil de preparar.

Permita-nos dizer-lhe como preparar pratos apetitosos com Maizena Duryea, que encantam o paladar das crianças e adultos. Peça V. Ex.^a um exemplar do nosso livro de cozinha, que lhe enviaremos gratis. Preencha e envie-nos o coupon abaixo.



GRATIS

**MAIZENA
DURYEA**

CARLOS DE SÁ PEREIRA, L^{DA} — Rua dos Sapateiros, 115, 2.º — LISBOA

Queira enviar-me um exemplar gratis do seu livro de cozinha.

Nome

Morada

Localidade

Contos, Novelas e Romances

Amor e o Tempo (O) por Dr. Augusto de Castro	15\$00	Homem dos Dois Corações (O) por Rocha Martins	3\$00
Art.º 438.º (O) por D. Carmen de Burgos, tradu- ção de Lopes de Sousa	3\$00	Matou por Amor (A que) por D. Emília de Sousa Costa	3\$00
Cinco Mil Francos por Mês por Reinaldo Ferreira	3\$00	Minha Mulher por W. Fernandes Flores	3\$00
Colecção "Diário de Notícias" por diversos autores	7\$50	Mort de D. Juan (La) por Paulo Osório	8\$00
Drama na Sombra (O) por Ferreira de Castro	3\$00	Noite de Núpcias por Lourenço Cayola	3\$00
Ele e Eu por Augusto Pinto	5\$00	Ruínas por D. Helena de Aragão	8\$00
Fumo dos Casais por D. Maria da Nobrega	10\$00	Sombras e Claridades por D. Helena de Aragão	8\$00
		Veneno do Sol (O) por D. Fernanda de Castro	10\$00

À venda na filial do **DIÁRIO DE NOTÍCIAS**

LARGO DE TRINDADE COELHO, 10 e 11



Um dos melhores livros para crianças
últimamente publicados é

O Pretinho de Angola

POR

CÉSAR DE FRIAS

Nos sete formosos capítulos deste 32.º volume da **Biblioteca dos Pequeninos** conta-se a história comovedora do mais simpático pretinho estudioso.

Sugestivas ilustrações de Ilberino dos Santos

Preço: 5\$00

A' venda na Filial do *Diário de Notícias*, **Largo de Trindade Coelho, 10 e 11**, e em todas as livrarias



GRACA E ESBELTEZA

Elegância e harmonia dos movimentos
Frescura e macieza da epiderme
Encanto e vigor da juventude
É o sonho de toda a mulher moderna

que ela realiza sem
tratamento fasti-
dioso, sem incomodo,
sem perda de tempo,
com asseio e com
pouca despeza por

" SUDOREX "

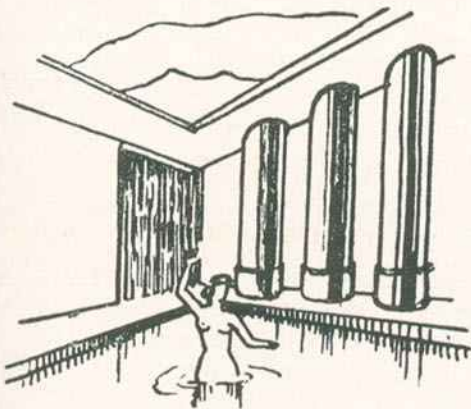
" SUDOREX "

aparelho portatil de
BANHOS DE VA-
POR EM CASA

será para as senhoras
o complemento indis-
pensavel da sua cura
de beleza. Desemba-
raçando-as de gordu-
ra inutil, suprimirá to-
das as indisposições.

ABSOLUTAMENTE INFALIVEL EM
TODOS OS CASOS DE OBESIDADE

Reumatismos, artritismos, gôta, sciatica, nevralgias, rins, figado, intestinos, etc.



MÉTODO
das
BELEZAS
ANTIGAS

THERMAS



MÉTODO
das
ELEGANTES
MODERNAS

SUDOREX

À VENDA
em todas as FARMACIAS E
GRANDES ARMAZENS
SUDOREX
102 Rue de La Boétie - PARIS (8)
Brochete n.º 507 gratis por pedidos

SUDOREX BANHOS DE VAPOR

Beleza e juventude



se intentam conseguir por muitos meios, mas raras vezes se ataca o mal pela raiz. As dores de todas as especies, as de cabeça, enxaquecas, nevralgias e incomodos mensaes das Senhoras vão fazendo os seus estragos. Uma ruga atraz d' outra se vão gravando no rosto, os olhos perdem o seu brilho, posto que cada sofrimento produz ao mesmo tempo uma depressão de animo.

Tenhamos, pois, o cuidado de ter á mão a **CAFIASPIRINA**

que não só afugenta as dores, como possui tambem a acção reanimadora e estimulante da cafeina, obtendo-se com ela o bem estar e a satisfação que ajudam V. Exa. a conseguir a beleza e a juventude.

Tome, pois, Cafiaspirina.



Não afecta o coração nem os rins.



O "Sal de Fructa" ENO, consagrado por sessenta annos de verdadeiros successos em todo o mundo, é o remedio mais eficaz para corrigir todas as irregularidades resultantes das perturbações do aparelho digestivo. De preparação salina efervescente, exempto de sal mineral purgativo, o ENO tem uma acção branda e suave, podendo-se tomar em todas as idades e em todas as estações do anno.

Uma colher, duas de cafe, num copo de agua pela manhã e a noite.



Depositaris em Portugal: ROBINSON, BARDSLEY, & C. LTD.
8, Caes do Sodré, LISBOA.

PAULINO FERREIRA

ENCADERNADOR - DOURADOR

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1884

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — DIPLOMAS DE HONRA na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA
Telefone 2 2074



Tinta a Agua Lavavel
Higiene e Economia

Aconselhamos V. Ex.^a a pintar a sua Casa com a tinta «MATOLIN», tornando-a higiénica e de aspecto moderno e agradável

À VENDA NAS BOAS DROGARIAS
Pedir indicações ao Deposito Geral: Rua de S. Julião, 23, 1.º Lisboa
Telefone: 2.2374

O FAMÓSO CREME PARISIENSE

J. LESQUENDIEU

Veja este lindo rosto de mulher, é tratado com a Reine des Crèmes Amanhã será o vosso Creme



REINE DES CRÈMES

A venda em todas as boas casas de Portugal
Agente exclusivo para Portugal AZULAY & C. L^{da} 100 rua Aurea Lisboa



Novidade Sensacional
Com o **PENTE ONDULADOR** transforme os seus cabelos lisos em naturalmente ondulados para toda a vida !!!

Duma maneira geral procede-se da seguinte forma: Lavam-se os cabelos e secam-se; tocam-se, depois de desembaralhados, com um pente apropriado (desca- com o PENTE ONDULADOR, de forma que as ondas do pente sejam dirigidas para o exterior. Faz-se deslizar o pente através dos cabelos na posição indicada circa de 10 a 15 vezes, e assim se obtém uma linda ondulação para sempre.

PEIGNE ONDULATEUR
"ACADEMIA SCIENTIFICA"

Exclusivo de venda:
D. E. B. E. L. E. Z. A
M. dos CAMPOS
Av. da Liberdade,
35 — Lisboa

Preço Esc. 15\$00

Crónica da Quinzena

Mais um episódio do super-filme oriental acaba de fixar-se. O grande homem francês propõe uma paz, o japonês aceita, o chinês diz que sim, e como se trata de negócios asiáticos, todos riem durante um ou dois tempos com o semblante característico, o muito falado riso amarelo, um estereótipo metálico, zinco, chumbo ou aço. Preenchido o intervalo de silêncio, apenas cortado de breves movimentos de cortezia, para distrair o tédio, chins e nipónicos, dado o sinal, voltam a combater.

Que aconteceu? Isso agora... Ah, nessa dúvida se contém o núcleo do enredo que suscita o interesse do público, moído e remuído a conjecturar.

Sabe-se apenas que o Japão prossegue calmo, em regularidade de máquina de relojaria, direito ao seu destino, desconhecido para nós, muito bem sabido por ele. Igualmente se sabe que o move uma ambição de império, visto não existir outro motivo determinante de actos daquela natureza. Que império traz em projecto? Esse o segredo a revelar no fim, ao apagar das luses.

Tema cativante para a imaginativa de quem assiste na bancada ao desenrolar da fita.

Existem neste momento três impérios dinâmicos, o japonês, o americano U. S. A. e o russo U. R. S. S., cada qual com sua mentalidade muito distinta. Também existem os impérios cristalizados, com programa quietista, conservador, de manter o alcançado; tais o inglês, o francês, o holandês, o português.

A sorte dos últimos depende do que entre si decidirem os primeiros. Enquanto estes contenderem, folgam aqueles. Toda a vantagem dos maiores, anglos e francos, está em que os gals Dai-Nipon, Usa, Urss, joguem as cristas.

Assim entendido, o que se passa em terra de chins é o menos; o que depois há-de passar-se, o mais e melhor. E então o jogo actual, com suas batalhas, com as prosopopeias S. D. N., com ditos ou gestos de Paris, ou Londres, pouco importa.

Que faz Staline, que faz Hoover? Essa vem a ser a essência do fruto em maturação, dela dependendo a cara ou careta que o mundo fará quando lhe experimentar o sabor.

A libra depois de descer em queda vertiginosa, sobe degráu a degráu a escada por onde trambolhou. Regressará ao cume anterior? Decerto não.

Aquele posto de estréla do norte, em torno da qual girou o universo inteiro durante três séculos, devemos considerá-lo desaparecido para sempre. Foi o sinal de uma era extinta.

A honra das moedas é como a das mulheres. Não se reconstitui. E muito menos se reconstitui o prestígio da que se considerava imutável como a posição da ilha onde a fabricavam. Se mudou, perdeu a qualidade que a distinguia de todas as outras. Desapareceu o valor singular, único, qualquer coisa de parecido com o metro padrão de aço, guardado nos arquivos, de dimensão inalterável.

Acreditava-se na libra como medida de preço, do mesmo modo que se confiava no quilograma como medida de peso. Esse tempo não volta. Variou, morreu.

Facto concluso, realidade que pertence à história, memorêmo-la com saudade, lamentando a sua falta, na verdade enorme, irreparável nas relações dos habitantes civilizados do globo.

E assim feita a elegia, não cuidemos em que apagado esse sol, outro se erguerá de luz igual. Nunca mais veremos a libra intangível que a guerra fundiu para todo o sempre, porque a libra não era um metal, era sobretudo uma doutrina, um espírito, um sistema filosófico, uma instituição construída com vagar, por esforço de uma raça forte através de muitas gerações.

Pode subir degraus cambiais, atingir qualquer altura, amarrar-se a um ponto fixo. De modo nenhum reconquistará o trono perdido, em que reinou sobre o orbe.

A libra passa a ser uma moeda como as outras, em que não se acredita de modo preferencial, absoluto. A dúvida entrou, nunca mais desaparece.

E agora já não existe para que apelar ao querer apreciar o valor do que se possui. Muito se estranhe o asserto, temos de reconhecer-nos num mundo novo, diferente do anterior, mais revolto, menos tranqüilo.

A Espanha prossegue em esforços exaustivos para realizar o grande acto de mudar de camisa. Usou durante algum tempo a moda nova, de feitio especial e de côr preta. Não conseguiu adaptar-se porque, segundo parece, o modelo é difícil de vestir, apertada no colarinho, prende os movimentos. Atirou-a fora desesperada e agora não consegue descobrir outra que lhe vista bem.

Muitos querem a vermelha, côr do sangue, talvez por instinto toureiro e na suposição, bem fundada, de que o espaço por ela ocupado na península seria durante largo tempo uma vasta arena, mais emocionante que as actuais, cheia de espectáculos à romana, com homens de morte, em vez de bois.

Alguns preferem modestamente a camisa branca, lavada e engomada, estilo burguês, com que se deliciaram as gerações do século XIX.

A disputa corre azêda, cruenta, com geitos de durar por largo tempo, dada a impossibilidade de acôrdo ou transigência de parte a parte.

Nos primeiros nota-se uma paixão violenta, obstinada, motivo a crença adquirida de que o tal modelo vermelho é a autêntica camisa de felicidade mandada procurar pelo rei da fábula.

A êste grupo pertencem os rústicos, analfabetos, constituindo grossa multidão. No outro acham-se os letrados, sábios, prudentes, conhecedores da ilusão que espicaça o povo ingénuo, farto de sofrer, e agora impaciente, sem resignação.

Chamado à ordem, à calma, para inteirar-se da realidade, não atende. Por mais que os assitados mostrem a inanidade da busca, há séculos sem fim continuada pelos procuradores do rei triste, nenhum dos crédulos se desvia da teima.

Desditosa Espanha com poucas escolas, com maus mestres, inçada de gente bravia, muito terá que padecer até sossegar da inquietação em que anda.

O exemplo do sucedido aos que também ambicionaram a felicidade repentina, não pode aproveitar aos incapazes de ler e entender o motivo das desgraças alheias.

É bem certo que os erros de uma geração nunca prestam à seguinte, nem os erros de uma nação ensinam às vizinhas a arte de se conduzirem melhor.

Todas batem com a testa no mesmo prêgo, e por mais que o galo avolume e se aviste de longe, nenhuma deixa de se esmurrar e ferir-se, por idêntico gesto desastroso.

Sendo assim, não pretendamos que o espectáculo de umas barbas a arder perto de nós, venha a servir-nos de lição. Nada aprenderemos, como eles nada aprenderam. Se aconteceu esfregarem as mãos em horas turvas que atravessamos, não as esfreguemos nós agora, por prudência.

Ninguém nos assegura contra ataques de fúria iguais aos que estamos presenciando ao pé da porta.

Com os prenúncios de primavera aparecem as côres fixadas em tela pelos artistas.

Exposição do grupo Silva Porto, nas Belas Artes; de Pedro Cruz, no Salão de Festas do Século; de Tavares Correia no Salão Bobone, o primeiro mantendo o nome conquistado, os segundos fazendo a sua iniciação de publicidade.

Não pode deixar de saudar-se com simpatia o último, que diminuído em órgãos de percepção consegue em alguns dos seus trabalhos revelar um sentimento não vulgar.

Samuel Maia.

A Espanha seduziu, sempre, os grandes espíritos...

Tumultuosa, ardente, desigual, magnífica, é uma épica confusão de raças e de sentimentos, de paisagens e de aspectos—teatro e *cabaret* onde simultaneamente se representasse a tragédia e a comédia bufa. Esse doce país, quasi desconhecido na sua beleza íntima, tem de tudo um pouco—catedral e *plaza de toros*, campo de batalha e tablado de café-concerto, gravura e cosmorama: sangue e fogo, fé e volúpia, doçura e brava adusta.

No seu íntimo há feeria e brutalidade, doçura e selvageria: ¡Espanha!

Piedosa e brutal,—esse céu único—vermelho-azul—é uma *peighola* esbraseada, uma moldura ardente desse quadro vivo que é, como sempre, a Espanha de hoje—tela ensangüentada, onde as pinceladas fossem manchas de sangue, de luz, onde a própria pintura desse a impressão de ser golpeada, ferida...

O sangue árabe corre, revólto, nas artérias da natureza, empresta este ar de ferocidade e de beleza ática, aos homens e às coisas.

A paisagem é tragédia em Castela; drama de volúpia em Andaluzia; ode pagã no Levante; oração em Astúrias; toada alacre, cortada de *morriña*, na Galiza—por toda a parte vivo este esplendor, esta ardente confusão: o espírito gótico e o sentido pagão, misturados, confundidos, nesse excelso paradoxo de côr e de penumbra, que é a nota dominante da alma e da paisagem espanholas.

A sua música tem a crueza melodiosa, fatalista das *cimitarras*; o eco longínquo das orações que, ao morrer da tarde, chora nos aduares, no recato dos pátios, onde a água, na boca das fontes, é melodiosa, doce, muitas vezes nervosa—canta, chora, grita e murmura, em si mesmo, a lembrança de rezas cristãs e algaradas mouriscas.

Por isso mesmo a Espanha seduz os artistas: cada terra tem o seu carácter, o seu sentimento; cada paisagem a sua côr, o seu sentido íntimo; e, no meio dessa revolta Castela, mordida de sede, amarela, chapada de sol, sinistra, em sereza e galhardia, Toledo é crepúsculo, é saudade, é penumbra, sentimento, beleza,—único na sua côr, no seu sentido, na sua névoa própria, na sua lenda própria, no seu perfume religioso e artístico: Toledo é nosso também, tem de nós parcelas de glória e de saudade, lendas e recordações, nos seus palácios e nos seus conventos, nas suas igrejas e nos seus *callejones* sombrios, onde sempre se ouve o tinir de espadas,—é nosso: e a sua alma vem, nesse Tejo corredor, buscar sol às nossas veigas esverdeadas, ao nosso mar grandioso; é ainda, no meio da Espanha, revolta e desigual, o velho solar da sua glória, da sua arte, da sua bravura, do seu mistério, é ainda Espanha, afinal...

É esta desigualdade, esta confusão magníficas, que prende os artistas, porque só os espíritos requintados podem descortinar-lhe o íntimo sentido, a en-

O LIVRO "TOLEDO" E "EL GRECO"

coberta beleza, porque viajar, não é correr mundos, apressado, vago, apercebendo em tumulto, mas... debruçar-se, cada qual, do doce postiguinho que a divindade pôs em nós mesmo: ¡a nossa alma! e vêr—manso e quieto, extasiado e comovido,—o que ela vê...

Foi assim, que a velha Espanha, hoje, talvez, e até por isso, de súbito, sacudida pela mais doida convulsão, prendeu de seus encantos e belezas o doce e romântico Theo, o terno Amicis,



ANTERO DE FIGUEIREDO

esse sombrio *Barrés*, *Mauclair* e porque não? Antero de Figueiredo, o prosador insigne que na literatura portuguesa tem, hoje, um alto lugar.

A Espanha chamou *Mauclair* para o seu grande e confuso tablado, porque *Mauclair* é um espírito eclético, ardente, é um crítico, é um pagão; Toledo «alcáçova da saudade» onde

«...cada pedra uma alma
...cada alma um segredo...»

atraiu Antero de Figueiredo, porque o grande esteta do *Último olhar de Jesus* é um poeta, é um pintor, é um espiritualista. É mais do que as lendas, as recordações, dos palácios, das igrejas, das memórias e das tragédias, o artista, por isso mesmo, viu o Greco, fixou o Greco, explicou o Greco, numa visão pessoal,

exacta, porque na sua alma havia a mesma chama esplêndida, que arroubou à concepção divinizada, Micer Theotocopuli.

Onde *Mauclair* viu, apenas, como tantos outros—espíritos frios, metodizados na dura mecânica da impiedade—que o pintor excelso «*n'existe que par la couleur*» e não é mais do que o escravo de «*un astigmatisme, un strabisme progressif, du à une affection hépatique qui inclinait de plus en plus le peintre à fausser les proportions*»... Antero de Figueiredo, penetrou essa alma invadida de fé, de esplendor, de extásis divino, e viu que a alma desse pintor «*se desdobra em duas almas: ora vive com uma, ora com outra; umas vezes, lança-a toda na terra; outras, toda dentro das coisas do céu*»... e que ao pintar o que muitos supõem anomalias, «*os seus olhos vêem em exagêro, vêem em aceleração; e, daqui, essas notas tão vincadas, tão deformadas, que chegam a parecer mórbidas*»... porque enlevado, consumido pela chama purificadora da divindade que o exalta, êle pinta, por exemplo: «*mãos sem carne, levíssimas, apenas pretexto da chama que nelas arde—o espíritos e vê isso porque, segundo diz o próprio Greco: «Deus e santos pintam-se como luzes longas...»*

Inteiramente pessoal esta explicação do grande artista, que outros tão duramente interpretaram, constitue a beleza dessa admirável «impressão», cuidadosamente, honestamente realizada através de sensações, de reflexões, de livros, mas sobretudo, através dessa alma que, perante o pintor magnífico, se sente extasiada na mesma fé transfiguradora.

A comparação arrojada, mas certa, entre *Rodin* e *El Greco*, porque «*ambas se dirigem à vida interior das pessoas e das coisas...*» mas diferente no íntimo porque o escultor é um pagão e o pintor um místico, constitue laudas admiráveis de filosofia da arte.

Há em toda a obra, numa grande fé e numa grande beleza, a côr, o sentimento, a expressão desse Toledo único, e eu não sei o que deva preferir, no meio de tanta esplêndida, se essa página dedicada ao «*El Greco*», se a unção purificadora de «*Missa Hispano-Gótica*», se a tragédia do «*Palácio de Fuensalida*», se a brava epopeia da «*Lealdade Lusitana*», se a poesia enternecida de «*Certo Púlpito*», ou ainda se essa formosa mancha da «*Volta*», que é toda a alma do prosador magnífico, tocada dum dulcíssima mágoa com a nota agri-doce dessa «*incógnita viajera*»... que todos nós encontramos, um dia, quando voltamos de algures e... a saudade por lá ficou.

É com saudade, também, que fechamos essas laudas maravilhosas, onde, numa lapidar e inegalada factura, que não é bizarro virtuosismo literário, mas prosa excelente, da melhor e da mais pura da literatura portuguesa de todos os tempos, Antero de Figueiredo nos arrastou, mais do que através de palácios, de conventos e ruelas,—através da alma desse Toledo sugestivo...

José de Faria Machado

O CULTO DE JOÃO DE DEUS

A persistência do culto, da quasi adoração que os portugueses consagram ao nome, à obra e à memória de João de Deus, chega a parecer estranha em terra tão pouco dada a venerar e a celebrar os seus poetas e os seus escritores. Vale a pena indagar as causas desse prestígio, que não diminui, e dessa atitude de justiça, que faz perdoar a indiferença manifestada para com outras personalidades eminentes, para com outros grandes homens, merecedores também de perene e fervorosa evocação.

A causa principal, primordial é, aliás, só uma: — a natureza e a perfeição do lirismo de João de Deus, em que os arroubos, os extasis, a paixão e a dor, por muito excessivos e veementes que sejam na essência, se mantêm sempre no mais completo equilíbrio e se expressam sempre através de fórmulas e imagens de cristalina limpidez. A poesia de João de Deus é profundamente e estruturalmente saudável e casta, invenção dum artista supremo que, sentindo, compreendendo e abrangendo tôdas as veicências e desesperos, tôdas as melancolias e tôdas as exaltações, nos decanta e filtra, nos seus cantos, nos seus hinos, nas suas elegias — dos germens doentios, das poeiras venenosas, dos prolongamentos mórbidos. Não há grito que nela não encontre um eco, não há alma, por mais torturada, que nela se não mire como num espelho fiel. Mas já então a contemplam liberta de obscuridades apavorantes e de misteriosos fantasmas...

Poesia de amor sem luxúria, poesia de ternura sem fraqueza, poesia de saúde e máguia — que nos pode fazer chorar, é certo, e que, no entanto, nunca nos fará compreender na volúpia do sofrimento e do desânimo...

João de Deus não pagou a superioridade de ter génio — como a tantos, e a tantos dos maiores, acontece — em moeda

de desvaio, de desordem de espírito e de sensibilidade. Foi um génio com saúde



O AUTOR DA «CARTILHA MATERNA»

moral — coisa rara, raríssima na família dos génios.

Daí essa atracção de fonte imaculada, de nascente acalmadora das piores sédes, que a sua obra exerceu e exerce. O pró-

prio anseio do infinito que a enobrece, e sem o qual ela seria transitória e frágil, é um vôo que sobe e paira, seguro do seu destino, e nunca uma violência, um arremesso de flecha, que mal vê para onde se dirige e que porventura cairá em pântanos mefíticos. Ler e entender João de Deus é sempre conquistar lenitivos, consolações e certezas, e não entrar em palácio ou caverna de exasperos e dúvidas. E somos sempre levados em movimento ascensional, para além das pequenas misérias e das mesquinhas angústias cotidianas, ao deixarmo-nos embalar no ritmo secreto da sua emoção.

Isto não quer dizer que João de Deus fôsse optimista, superficial e grosseiramente optimista. Mas era, e isso ninguém o contestará, um temperamento afirmativo. Só desse modo se explica bem a espécie de alegria, a coragem vitoriosa que transluz nas longas controvérsias provocadas pelo aparecimento da sua *Cartilha Maternal*.

Na publicação da *Cartilha*, na defesa inteligentíssima dos princípios pedagógicos que a inspiraram, nos triunfos que obteve com a adopção desse método de ensino — reside a segunda causa da permanente difusão do seu prestígio. A missão social que desempenhou como educador da primeira infância, abalaria a glória do Poeta, se esta não o tivesse, desde logo, colocado a par dos mais altos. A verdade, afinal, é que não restringiu, antes alargou o seu âmbito. O poeta do amor ingénuo, do amor incoercível, dedicando-se espontaneamente a suavizar a educação das crianças — eis um espectáculo comovente, que impressionou o público e, sobretudo, o público juvenil. O seu cándido fervor pela beleza e pela graça femininas, a quasi absoluta ausência de sensualidade dos seus poemas de paixão — como que se compreendia, se interpretava melhor, através do carinho que dispensava aos pequeninos. Era a devoção



A VIÚVA DE JOÃO DE DEUS, SR.^a D. GUILHERMINA BATTAGLIA RAMOS, ACOMPANHADA DAS PROFESSORAS E DAS CRIANÇAS DO «JARDIM-ESCOLA» DE LISBOA

pela pureza da mulher alargada à sua pura criação:—a inocência adorável dos filhos.

A terceira causa—não cronologicamente, já se vê, mas em valor e eficiência—do culto unânime por João de Deus, é a lenda de bondade e desprendimento total de recompensas materiais, que êle trouxe de Coimbra e que sempre aureolou a sua figura cativante. Lenda demais a mais baseada em factos, em realidades indiscutíveis e conhecidas, e, provavelmente, muito inferior, a-pesar de rica e pitoresca, à singela verdade. Lenda que serviu a situá-lo, a cada passo, a cada instante da sua existência, em pleno ambiente lírico, em plena e ampla atmosfera de sonho. Não se resistia, nem se resistia, à emanação de inefável doçura que dessa tradição irradiava. Na apoteose de 1895, promovida pela mocidade das escolas, todos os elementos da glória de João de Deus contribuíram, sem dúvida, para o esplendor e ímpeto avassalante da homenagem. Mas não seria talvez dos menos importantes e imediatamente eficazes a convicção—justificadamente enraizada na opinião geral—de que o Poeta conservava, através dos anos, a simplicidade, a sinceridade, o desdem absoluto de ambições, proveitos e posições vantajosas que os seus camaradas da Universidade nêle tinham observado sempre.

Espiritualmente, João de Deus surgia aos olhos de todos com a sedução—que em tão poucos perdura—do encanto generoso da juventude, prêso de ideais, e não de interesses, ávido de grandeza, forte de altruismo e de ilusões simpáticas e fecundas, desprezando as comodidades e confortos que são o desejo e o apanágio das pessoas práticas, e velhas ou envelhecidas... A gente moça sentia, adivinhava em João de Deus um companheiro, um amigo das suas aspirações e quimeras, dos

seus impulsos magnânicos, da sua fé nas energias suscitadoras do futuro. E ninguém foi, para as novas gerações da sua época, mestre tão seguido e amado como João de Deus, que



DR. JOÃO DE DEUS RAMOS

não imaginava nem tentava ocupar jámais êsse guiador e difícil apogeu. Alcançára-o involuntariamente, pela claridade serena e agazalhante do seu carácter excepcional—do seu carácter de artista, de homem e de cidadão, em todas as formas e manifestações de actividade, desde a poesia ao ensino, desde o lirismo ao apostolado, revelando-se sempre ansioso de beleza, de abnegação e de esclarecido patriotismo. A mensagem do seu génio foi dupla:—ensinou uma poesia nova, imaginou e uma nova concepção educativa. E se a primeira brotava dum sentimento profundo da vida—o que não significa que fôsse

confusamente espontânea— a segunda provinha de inteligência aguda e subtil, tanto como da ternura irreprimível pelas crianças. Poderá haver personalidade mais completa e mais digna da veneração e do affecto, da adoração dos contemporâneos e da posteridade? A glória de João de Deus é eterna, e só uma ausência vergonhosa de consciência nacional a faria esquecer.

O grupo dos Amigos de João de Deus recor-

dam-na piedosamente todos os anos, na data aniversária do nascimento do Poeta—8 de Março—com uma sessão solene no Museu João de Deus. O Museu, assim como o Jardim-Escola, que está no mesmo recinto, é trabalho do ilustre architecto Raúl Lino, e a construção e o funcionamento dessas duas notáveis e originaes instituições devem-se ao filho do autor da Cartilha Maternal, o dr. João de Deus Ramos, edu-

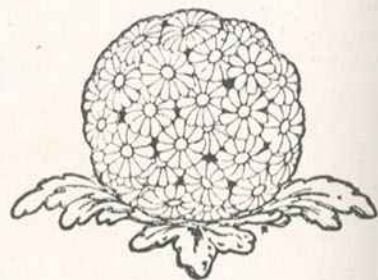
cador eminente. Este ano, a sessão solene dos Amigos de João de Deus foi dedicada, precisamente, a êste último que, ideando e organizando os Jardins-Escolas, mostrou ser mais do que um submisso continuador de seu Pai. Criou, realizou obra inédita e de vastos e benéficos resultados em matéria de ensino infantil. Nos Jardins-Escolas tudo é português, tudo é nosso, até a própria designação, e respira-se ali um fervor religioso, um carinho infinito pela infância. Nada é deixado ao acaso, mas nada é imposto. Há um acôrdo visível entre o querer do educando e o querer da professora, entre a instintiva evolução da-

JOÃO DE DEUS



CARTILHA MATERNAL

PRIMEIRA PARTE



A ALEGRIA DOS QUE APRENDEM PELO MÉTODO JOÃO DE DEUS...

quele e o cenário e o meio em que desenvolve e adentra as suas faculdades e recursos. Em summa, obra notável, obra única em Portugal, e que, ao iniciar-se, e ainda hoje, congregou em tórno de João de Deus Ramos boas-vontades e aplausos verdadeiramente consagradores. Poetas, escritores, artistas, políticos, estudantes, ajudaram-no e apoiaram-no ardentemente, compreendendo, como êle, que o problema da educação da primeira infância era e é fundamental entre nós.

Os Jardins-Escolas, sendo um penhor de immortalidade para os princípios pedagógicos de João de Deus, são também uma iniciativa que sobremaneira honra o dr. João de Deus Ramos. Louvá-los não é assegurar, não é firmar melhor a glória do Mestre, que dispensa mais alicerces. Mas, certamente, é respeitá-la melhor, pois que nêles se vê e admira uma réplica harmoniosa e leal do pensamento educativo do poeta do Campo de Flores, do apóstolo da Arte de Leitura.

João de Barros.

O O U T R O

O quarto-de-vestir de MADAME CLARY GRECIANO. Império. Paredes forradas de sêda amarela. Espelhos. Dois fauteuils de tapeçaria. Sobre uma credência, um vaso de prata com rosas. MADAME GRECIANO acaba de vestir-se para o baile da Embaixada de ***. É uma mulher de trinta anos, alta, ornamental, cabelos negros dum brilho metálico, olhos negros e enormes, perfil judaico, mãos compridas, braços admiráveis, mais perturbadora do que atraente, mais grandiosa do que bela. A «chambermaid», idosa e grave, ajuda-a. Quasi dez horas da noite. — Em qualquer país da Europa em que o divórcio exista.

MADAME GRECIANO — O cabelo está bem, atraz?

A CHAMBERMAID — Sim, madame.

MADAME GRECIANO — Dê-me as pérolas. — Olhe, espere. Parece que se rompeu uma malha da meia.

A CHAMBERMAID — Não, madame. — Trago a capa de brocado ou a de peles?

UMA VOZ DE HOMEM — Posso entrar?

MADAME GRECIANO — Entra. (A chambermaid, que sai) A capa de peles. Tenho sempre frio, no carro.

O MARIDO, quarenta anos, magro, distinto, grisalho, de casaca, a mancha vermelha duma grã-cruz a adivinhar-se sob o colete branco, o «pardessus» e a claque debaixo do braço. — Estás pronta?

MADAME GRECIANO — Não tenhas pressa. Nunca me arranjo bem por tua causa.

O MARIDO — Não tenho pressa nenhuma. Basta que lá estejamos às dez horas.

MADAME GRECIANO, pintando-se, diante do espelho. — É a hora marcada no convite?

O MARIDO — É a hora a que acaba o jantar. Desta vez, convidaram-nos apenas para a recepção.

MADAME GRECIANO — É um jantar diplomático, e tu já não és ministro.

O MARIDO — Se não fosses tu, nem lá ia.

MADAME GRECIANO — Eu tinha pena, se não fosse hoje à Embaixada. — Sabes? Canta a ministra da Polónia.

O MARIDO — Madame Ivanowa? Então, constipo-me com certeza. É uma mulher fria e perigosa como uma corrente de ar.

MADAME GRECIANO — Nem todos os homens são da tua opinião.

O MARIDO — Quasi todos. Vou ouvi-la atraz de um biombo e com um irradiador ao pé. — Porque pintas tu tanto a boca? Ficas horrível.

MADAME GRECIANO — É uma questão de gosto.

O MARIDO — É precisamente o gosto que me desagrada. Hoje, quando se beija uma mulher, tem-se a impressão de que se come um bonbon de groselha.

MADAME GRECIANO — Costumas beijar muitas mulheres?

O MARIDO, beijando-a na nuca. — Beijo-te a ti.

MADAME GRECIANO — Se te sentasses e estivesses quieto, era um grande favor.

O MARIDO — Tens uns bonitos ombros, sabes?

MADAME GRECIANO — Em que ficamos? Sou bonita ou sou horrível?

O MARIDO — És horrivelmente bonita. Agradam-me imenso todos os teus defeitos. Acho-te cada dia mais interessante.

MADAME GRECIANO — Cada dia? Tu exageras.

O MARIDO —

Cada dois dias. Tens um ar fatal de actriz de cinema. Daquelas que se divorciam muitas vezes no ano.

MADAME GRECIANO — Por enquanto, só me divorciéi uma vez.

O MARIDO — Espero que seja a última.

MADAME GRECIANO — Quem sabe?

A CHAMBERMAID, entrando, com a capa e as luvas. — Madame precisa de mais alguma coisa?

MADAME GRECIANO — Não esqueceram os cigarros?

A CHAMBERMAID — Não, madame. — O chauffeur diz que já está o carro.

O MARIDO — Está bem. (Quando a chambermaid sai) E se nós ficássemos em casa? Confesso-te que não me apetece ir à Embaixada.

MADAME GRECIANO — Já agora, estou vestida, vou.

O MARIDO — Faze de conta que te vestiste para me receber.

MADAME GRECIANO — Temos muitas noites para ficar em casa.

O MARIDO — Bem. Não quero contrariar-te. Se estás pronta, vamos.

MADAME GRECIANO — Ainda não pinte os olhos.

O MARIDO, sentando-se num dos fauteuils. — Então, tenho tempo para ler o jornal. (Abre um jornal e lê, enquanto MADAME GRECIANO pinta os olhos de azul) Olha. Caíu o governo, em França.

MADAME GRECIANO — Não me interessa.

O MARIDO — Tens razão. O governo, em França, cai todos os dias. (Depois de um silêncio) É curioso. Sabes o que faz a Mistinguett para conservar as suas «pernas espirituais»?

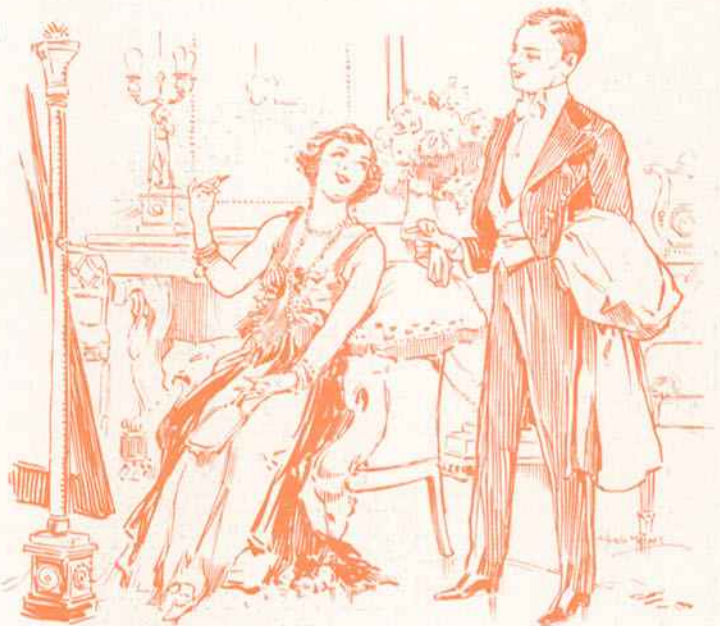
MADAME GRECIANO — Não.

O MARIDO — Come todos os dias meia-dúzia de laranjas, em jejum. — Se voltam as saias curtas, por que preço ficarão as laranjas!

MADAME GRECIANO — Pronto. Dá-me a capa. (Vendo que o MARIDO continua a lê) Dás-me a capa, fazes favor?

O MARIDO — Está aqui uma notícia que te interessa.

MADAME GRECIANO — A mim?



O MARIDO — Não és capaz de adivinhar o que é.

MADAME GRECIANO — A respeito de meu pai?

O MARIDO — Não. A respeito do teu primeiro marido.

MADAME GRECIANO — É-me indiferente. Foi para Londres ou veio de Londres, não é verdade?

O MARIDO — Morreu.

MADAME GRECIANO — O António! — É impossível, porque eu vi-o ontem.

O MARIDO, dando-lhe o jornal — Então, lê.

MADAME GRECIANO, lendo, febrilmente — Às três horas... No seu palácio, subitamente... (Deixando-se cair num dos fauteuils) Matou-se, talvez... (chorando) Oh, que horror!

O MARIDO — Já vês que a notícia te interessava. O que eu nunca supus é que te interessasse tanto. — Tinha-lo visto, ontem?

MADAME GRECIANO — Tinha.

O MARIDO — Onde?

MADAME GRECIANO — De passagem, na rua.

O MARIDO — Falaste-lhe?

MADAME GRECIANO — Tu sabes que eu não falava a meu marido.

O MARIDO — Nem sequer procuras dissimular o sentimento que a sua morte te causou.

MADAME GRECIANO — É uma questão de nervos. Desculpa. Eu até sinto a morte de pessoas que não conheço.

O MARIDO — É desagradável que tu chores dessa maneira por um estranho. De mais a mais, na minha presença.

MADAME GRECIANO — O António não era um estranho para mim. Tu bem o sabes.

O MARIDO — Se ele não era um estranho para ti, o que sou eu na tua vida? Um intruso?

MADAME GRECIANO — Perante a Igreja, o meu marido era ele.

O MARIDO — E que sou eu, então? Teu amante?

MADAME GRECIANO — Peço-te que tenhas a delicadeza de me deixar um mo-

mento sôzinha. Eu não tenho cabeça para discutir contigo.

O MARIDO — Para que queres tu que eu te deixe só?

MADAME GRECIANO — Para que hei de eu dizer-to, se tu não o comprehendes?

O MARIDO — Queres ficar entregue à tua dôr de viuva?

MADAME GRECIANO — Quero rezar.

O MARIDO — É queres vestir-te de luto, também?

MADAME GRECIANO — Porque não?

O MARIDO — Porque isso seria um ultraje para mim. Porque eu não to permitiria, sob pena de usar de tôdas as violências!

MADAME GRECIANO — Não é com a violência que se convencem as mulheres na minha situação. Se tu fosses outro, se tivesses outra sensibilidade e outra delicadeza de espírito, eras o primeiro a respeitar este momento de fraqueza, tão feminino e tão natural. Eras o primeiro a compreender que, se eu choro, não é por êsse homem; é por alguma coisa de mim mesma que morreu com êle; é por seis anos de vida que fizemos em comum; é por um mundo de recordações que nem tu, nem ninguém, poderá apagar mais do meu coração. Eu não queria dizer-te estas coisas. Foste tu que me obrigaste a falar.

O MARIDO, *levantando-se* — Tu estás nervosa, e não vale a pena discutir contigo. Isso passa-te. Enxuga os olhos, e vamos.

MADAME GRECIANO — Vamos para onde?

O MARIDO — Para o baile da Embaixada. São horas.

MADAME GRECIANO — Como tu és grosseiro!

O MARIDO — Grosseiro, porquê?

MADAME GRECIANO — Então, tu imaginas que, com meu marido morto, com o seu cadáver ainda quente, eu vou divertir-me para um baile?

O MARIDO — Mas o teu marido não é êsse homem; o teu marido sou eu. O outro já nada é na tua existência, nem vivo, nem morto.

MADAME GRECIANO — Não é, mas foi.

O MARIDO — Eu não tenho nada, eu não quero ter nada com o teu passado. O teu passado morreu, para mim e para ti, no dia em que foste minha mulher.

MADAME GRECIANO — Admitamos que assim é. Admitamos que tu tens razão. Eu apelo, não já para a tua generosidade, mas para a tua inteligência. Tu conheces o meio em que vivemos. O que há de dizer tôda essa gente, vendo-me entrar numa sala de baile, na noite em que morreu o homem com quem eu fui casada, de quem usei o nome, que me fêz sofrer muito, é certo, mas que é ainda, à face de Deus, o meu verdadeiro marido? Que juízo fica essa gente fazendo da minha delicadeza moral e dos meus sentimentos de mulher? E se perceberem, desfigurada como estou e com os olhos vermelhos de chorar, que vou ali constrangida pela violência, — que idéa ficam fazendo de ti? Pensa um momento, Jorge. Não me obrigues a praticar um acto que repugna ao que há de mais íntimo e de mais sagrado no meu coração...

O MARIDO — Então, tu imaginas que

eu sou um marido suficientemente complacente para consentir que minha mulher, em vez de acompanhar-me como é sua obrigação, fique em casa chorando por outro homem?

MADAME GRECIANO — Mas não vás tu, também. Ficamos ambos em casa. Não era êsse o teu desejo, ainda agora?

O MARIDO — Sim. Ficamos ambos em casa a rezar pelo teu marido, não é verdade?

MADAME GRECIANO — Assim, não nos podemos entender.

O MARIDO — Entendemo-nos perfeitamente. (*Tomando, de sôbre a cadeira, o parêssus e a claque*) Tu, há pouco, não mostraste interesse em que fôssemos à Embaixada? Pois bem. Eu faço-te a vontade. Aqui estou para te acompanhar. — Põe a capa, e vamos.

MADAME GRECIANO — Tu não és apenas grosseiro. És cruel.

O MARIDO — Estou à tua espera.

MADAME GRECIANO — É inútil insistir. Não vou.



O MARIDO — Tu sabes a que extremo podes levar-me?

MADAME GRECIANO — Sei que tenho, pelo menos, um direito. E, êsse, ninguém pode contestar-mo.

O MARIDO — É o de fugir-me?

MADAME GRECIANO, *soltando, convulsivamente*. — É o de chorar.

O MARIDO, *depois de uns momentos de silêncio*. — Porque não me disseste lealmente, antes de nos casarmos, que amavas ainda êsse homem?

MADAME GRECIANO — Porque já o não amava. Tu não ignoras que, quem reque-reu o divórcio, fui eu.

O MARIDO — Então, porque choras por êle?

MADAME GRECIANO — Porque nunca o pude esquecer.

O MARIDO — Um homem que te enganava torpemente com as tuas amigas, e até com as tuas criadas de quarto? Um cínico, sem moral e sem escrúpulos?

MADAME GRECIANO — Podes continuar a insultá-lo. Ele está morto.

O MARIDO — Nem mesmo o esqueceste depois de me conhecer a mim?

MADAME GRECIANO — Para que mo perguntas?

O MARIDO — Durante ano e meio de casados, nos nossos momentos mais apaixonados e mais íntimos, a recordação dêsse homem vivia ainda no teu coração?

MADAME GRECIANO — Uma mulher pode esquecer tudo, tôdas as ligações, todos os afectos, tôdas as loucuras do passado. O que ela não esquecerá nunca, até à morte, porque lhe fica no sangue e na alma, porque é indelével no seu próprio corpo, é a lembrança do primeiro homem amado que a possuiu. — Era isto o que tu querias que eu te dissesse? Pois bem. Está dito. Agora, deixa-me.

O MARIDO — Então, que fui eu, afinal, na tua vida? Que espécie de mulher és tu?

MADAME GRECIANO — Uma mulher como as outras. Nem melhor, nem peor do que outra qualquer.

O MARIDO — Uma mulher que eu partilhei com um desconhecido!

MADAME GRECIANO — Tu não tens a consciência do que estás dizendo. Tu ignoravas, porventura, que eu fui casada? Eu escondi-te alguma coisa da minha vida? Se me quiseste assim mesmo, se me acceitaste como eu era, se conhecias o meu passado tão bem como eu, — de que me acusas tu agora?

O MARIDO — Eu estava louco, quando me casei com uma mulher divorciada!

MADAME GRECIANO — Sim, talvez tenhas razão. Mas foste tu que me perseguiste, não fui eu que te persegui. Se um de nós quis o outro apaixonadamente, foste tu, não fui eu. Queixa-te de ti, não te queixes de mim. E deixa-me tranqüila. Eu não posso ouvir-te mais. Eu quero estar só. Eu preciso de estar só.

O MARIDO — Está bem. (*Pondo o chapéu na cabeça, e acendendo um cigarro*) Irei sôzinho à Embaixada. Apetece-me hoje beber uma taça de Champanhe. E se me perguntarem por ti, sabes o que respondo?

MADAME GRECIANO — Responde o que quiseres.

O MARIDO — Que a minha mulher não me acompanha, porque está de luto pelo marido. (*Saindo, enquanto Madame Greciano chora, silenciosamente*) Boa noite.

A CHAMBERMAID, *momentos depois, aparecendo à porta*. — Madame não sai?

MADAME GRECIANO — O carro já partiu?

A CHAMBERMAID — Agora mesmo.

MADAME GRECIANO, *levantando-se, com decisão*. — Dê-me um chapéu preto, uma écharpe preta. Depressa. (*Tirando tôdas as rosas do solitário de prata que está sôbre a credência*) Não há mais flores, em casa?

A CHAMBERMAID — Não, madame.

MADAME GRECIANO — O criado que chame o primeiro automóvel que passar.

A CHAMBERMAID, *timidamente* — Se o senhor vier mais cedo, madame quer que lhe diga alguma coisa?

MADAME GRECIANO, *saindo, envolvendo na capa, a écharpe negra a flutuar, o ramo de flôres nas mãos pálidas*. — Diga-lhe... Não. Não lhe diga nada.



Sol, ameno de outono. Dão nove e meia nas tôres. Galas e pompas aos Santos. Templos plenos de crentes. — O subsolo rugiu; a terra treme; o povo foge. É o terremoto! Formidável catástrofe, a de 55! Então, mais uma vez se viu desmoronar-se meia Lisboa; e — como cantou o poeta: aos míseros mortais, com força dura, deu-se primeiro que a morte, a sepultura.

Tão espantoso cataclismo, sugeriu a um genial artista nacional, do século XVIII, a sua melhor obra, que marca, sem dúvida, a mais lutuosa data do Município de Lisboa.

Era no alto da eminência das Chagas de Jesus, desagregada já, por um successo idêntico, do Promontório de Santa Catarina do Monte Sinai, que existia uma linda igreja, fundada no século XVI, por Frei Diogo de Lisboa, ministro do Convento da Santíssima Trindade, a qual, tinha adjunto um hospital, autorizado pelo Pontífice Paulo III, com o exclusivo fim de tratar os paroquianos da mesma freguesia, homens do mar que, embarcações nas naus das carreiras das Índias, dos Brasis e mais conquistas, regressavam, doentes, à sua Pátria.

Nesse tempo, achava-se, no momento do primeiro abalo, assistindo à solenidade de Todos os Santos, um artista-pintor, que, na iminência do perigo, d'êle safu, procurando, lesto, abrigo seguro para as bandas da Cruz de Pau. Aquí, pôde êle, então, observar o que, de lamentável e horroroso, acontecia nesse bairro; e, fazendo memória e tomando apontamentos, conseguiu, mais tarde, no sossego da sua oficina, representar em uma grande tela de dois metros e sessenta de largo por um e sessenta e dois de alto, a única e verdadeira dessa tragédia.

O Conde de Raczynski, na sua obra *Les Artes en Portugal — 1747* — diz ser essa obra

O TERREMOTO DE 1755

visto por um pintor português

um bom quadro, no qual o artista mostra analogia com Hogarth, acrescentando: «Esta tela, sobrepujada de anjos armados com espadas flamejantes, a esvoaçar entre nubes, tem no primeiro plano figuras com cinqüenta e quatro centímetros; a da direita, firmando um pé sobre uma pedra dos escombros, representa o próprio autor; as duas da esquerda, figuram dois doentes desnudados, salvos do hospital que, ao lado, arde em chamas».

Perguntar-se-á: Quem é, pois, o autor desta notável pintura?

Êis o que no-lo vai dizer o seu contemporâneo e discípulo João André Chiape:

João Armando Glama Stroberle, lusitano, pintor da escola romana, nasceu em Lisboa no ano de 1708.

Na sua mocidade, foi applicado ao estudo das letras, tempo que êl' repartiu na cultura do desenho, a que era muito inclinado. A sua propensão para a pintura, fêz com que fôsse pensionado pela Côrte e enviado a Roma. Aí, em mui breve tempo, fêz então grandes progressos que excedeu os seus companheiros de estudo na Academia de S. Lucas, alcançando, assim, a palma que nela se concede aos alunos que se distinguem sobre os seus concorrentes.

Copiou, com assidua deligência, as obras de Rafael e tudo o que Roma conserva de preciosidades gregas, a que os pintores chamam, vulgarmente, o Estudo Antigo.

Para se aperfeiçoar na prática da Arte, teve por condutor o mestre Marcos Benefial, pintor clássico, e bem conhecido pelas excellentes obras que d'êle existem, tanto na Basilica

de S. Pedro, como em outras igrejas de Roma. Foi associado na célebre Arcádia Romana, aquela que o fidelíssimo rei D. João V honrou e subsidiou e em que Glama foi eleito sob o nome de Pastor Telarco Alesiano.

Depois de uma residência de uns vinte anos na Cidade Eterna, voltou para a sua natal Lisboa, onde veio a mostrar o seu grande talento na decoração do maior teatro do mundo — a Real Casa da Ópera do Tejo — auspiciosamente inaugurada pelo aniversário natalício de Sua Magestade Sereníssima, a Rainha Senhora Dona Maria Vitória.

Esse bom artista, que também esteve muitos anos domiciliado no Porto, a instâncias do bispo D. Frei José Maria da Fonseca e Évora, seu Mecenas em Itália, ao tempo em que al' estudava, e onde deixou bastantes quadros de incontestável mérito, honra a sua Nação, pelos raros talentos de que era dotado.

Regista o tomo II, da «Lista dos Artistas» do cardinal Saraiva — 1839; pág. 394 — que o seu famoso quadro representativo do Terremoto de Lisboa, pode ser considerado como uma das suas melhores produções, tanto pela riqueza da composição, arranjo e originalidade singular no género, como pela variedade e multiplicidade dos objectos que contém.

Atribui-se ao próprio João Glama a afirmação de não constar haver, entre os pintores antigos e modernos, quem tivesse tratado semelhante assunto, ao mesmo tempo que se expunham trabalhos de excellent engenho, representando o Dilúvio, a Tempestade, a Guerra, a Peste e tantas outras calamidades que assolaram a Terra. Tal quadro existe!

Porque não há de êle vir, já que constitui um documento único, dessa doloroso página da história de Lisboa, enriquecer o tesouro da sua *Domus Municipalis*?

E. Raposo Botelho.

Soliloquos e Comentários



F. pertence à categoria dos homens pequeninos em tudo. Mas é irónico, um pouco viperino, salta-pocinhas. Diz um colega: — Ora, muito bom é êle: podendo usar de tôdas as suas prerrogativas nem sequer aprendeu ainda a dançar. Ainda não é dançarino.

*

UMA senhora atura a perseguição muda de um seu admirador durante duas horas. Ela vai ao retrozeiro, à modista, à pastelaria. E êle espera e segue-a, até que ela não se podendo ver livre do importuno chama um *taxi* e sobe, descobrindo um pouco a perna.

Êle, lamecha: — Que linda perna!

Ela, natural e irónica: — Tenho outra igual!

E deixa-o, com cara de estúpido, à beira do passeio.

*

Ê pecha velha de literatos escrever contra os médicos. Em França, um médico literato, colaborador de Cabanés e muito distinto, o Dr. Witkowski, publicou quatro volumes de sátiras, andedotas, ditos e epigramas: *Anecdotes médicales, Les Joyeusetés de la Médecine, e Le mal qu'on a dit des Médecins*. Em Portugal, o bom Félix Pereira, que era médico, num dos seus livros reuniu bem boa metralha. José Agostinho de Macedo também as não poupa, dizendo que uma das condições para viver muito é «não passar por sítio onde tenha passado um médico, ainda que seja correndo a posta». E eu ficava-me surpreso. Mas, porquê, tanto ódio? Porque desde os tempos hipocráticos e avicénios todos se têm esmerado em atirar a sua pedra?



Pois encontrei o x do problema em Castilho, no velho e cego Castilho, folheando um dos seus livros.

Castilho escreve um epigrama:

«André Pinto andar não pode;
manda médico chamar;
chega o médico... recruta...
e André Pinto põe-se a andar!»

Mas o mais curioso é a *Vénia* que o acompanha. Essa pode generalizar-se a

todos os epigramistas e, assim, se explicará êsse género literário:

«Se me perguntassem como, por quê, e para que engendrei êste abortinho de epigrama, à fé que me poriam em grande apêrto, porque sempre cri na medicina, não tanto, verdade seja, como alguns doutores novos pretendem que acreditemos, mas o bastante para sempre os consultar e obedecer-lhes com um escrúpulo, que às vezes transcenderá para o fanatismo. Epigrameia-as, porque *Marcial, Molière, Filinto e Bocage*, as tinham epigrâmado; epigramei-as, porque era isso moda, e a há-de ser sempre, como aquela outra tontaria de falar e escrever contra as mulheres! epigramei-as, finalmente, porque não tinha outra coisa que fazer nessa hora, nem me doía nada.»

Ê assim mesmo.

*

As preciosidades que o actor

Brasão reuniu em sua casa, dispersou-as agora o pregoeiro, num leilão que foi muito concorrido. Ê pena que a família não tenha podido fazer da casa do grande actor o seu museu, o museu que perpetuasse o seu nome, sabido como é que os actores morrem mais depressa do que os outros artistas, na memória dos tempos e das gentes. E é pena ainda, porque o dinheiro que delas veio não compensa a má acção de as ter dispersado.

*

Não sei porquê, talvez porque seja magro, tenho uma certa embirração pelos gordos. Ao contrário de César, que detestava os rostos pálidos e mgros, eu acho-os naturais e simpáticos. Estou como aquele que dizia ao gordo que conta histórias: — O quê, meu amigo! fidalgo, com uma barrigana dessas e com êsse focinho?! Ora, histórias, meu amigo, histórias!

*

JOÃO Carlos é médico, é pintor e escreve bem. Ê um caso raro de tocar muitos instrumentos sendo, em todos, mestre. Pois João Carlos expôs duas dúzias de quadros que valem um museu. Gravuras em madeira, desenhos à pena, qua-

dro a óleo, tudo com um sabor invulgar, que marca uma personalidade. Ê dêle que se conta que certo mestre, provido de um alto cargo artístico, ao ver uma das suas gravuras, uma das gravuras que êle tinha amorosamente decalcado de um livrinho quinhestista, disse: — Ê pena, é pena êste João Carlos fazer estas coisas *futuristas!*...

*

A Academia das Ciências vai fazer, por intermédio de uma comissão de bibliografia, o inventário bibliográfico português. Em terra, onde essas coisas, por falta de dotação, estão condenadas a não passar de projectos, será mais um.

Que para fazer tal não era preciso uma Academia. Bastaria seguir o trabalho de António Anselmo, publicado pela Biblioteca Nacional.

O século xv está apontado, o xvi está feito e bem. Faça-se o século xvii, o xviii e o xix como aquele, e depois um bom índice. E estará feito tudo.

*

«BOM julgador por si se julga». Há lá ditado mais idiota. Se eu julgasse os outros por mim julgaria o mundo composto de excelentes pessoas e a minha providência está exactamente em ter julgado os outros como êles são.

*

Não peças a quem pediu, nem sirvas a quem serviu!» Não peças nem sirvas, que êsses sabem já quantos pães tem um alqueire e não são terreno próprio nem para ilusões nem para vigários.

*

SE a morte pusesse os vivos em leilão veria a sua praça deserta. A uns, não haveria dinheiro que os pagasse, outros ninguém daria nada por êles. Ê mesmo dos primeiros, talvez seja ilusão minha...

Albino Forjaz de Sampaio.

O BAILE do "Automóvel Club de Portugal"

CONSTITUIU um verdadeiro acontecimento mundano, o baile de caridade que na «Micareme» se realizou nos sumptuosos salões do Automóvel Club de Portugal a favor da «Casa dos Profissionais do Volante», a benemérita obra de beneficência, em organização, e que terá por fim proteger e amparar *chauffeurs* inválidos.

Foi uma festa que marcou, como a mais brilhante que se tem realizado em Lisboa, não só pela animação mas ainda pela selecta assistência,



segundo se deprende das nossas gravuras.

Fala-se ainda dos bailes do conde de Farrobo e dos do marquês de Viana quando se quer realçar um baile, pelo seu esplendor, por isso estamos certos de que daqui a anos será recordado, com saúde, o baile do Automóvel Club, cujos salões do Palácio Palmela, ao Calhariz, viveram, na noite de quarta-feira última, alguns momentos de inesquecível prazer espiritual.

Festas como esta, honram sobremaneira quem as leva a efeito, não só pelo aspecto mundano como também pelo fim caritativo a que se destinava—a fundação da «Casa dos Profissionais do Volante».

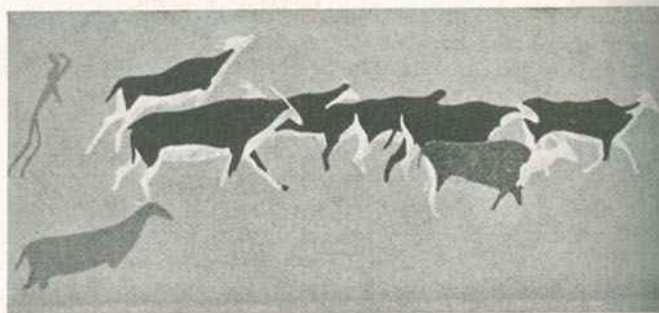
(Fotos Serra Ribeiro)

ARTE NEGRA

AINDA não vai muito longe o tempo em que, a respeito de África, se tinham as ideias mais simplistas e dogmáticas no tocante a espiritualidade dos seus naturais, considerados incapazes de produzir coisas com sentimento artístico, dadas as circunstâncias atrazadas do seu *habitat*, vivendo quasi como animais em palhotas e *kraals*, arrazados os cérebros por séculos sucessivos de bebedeiras e brutalizados pelas sevícias dos brancos dominadores.

Em plena fúria do *jazz-band*, cansada a sensibilidade do mundo civilizado

Seja, porém, como fôr, pelos inúmeros relatos das missões científicas, pelos completos mostruários dos Museus Geográficos da Europa, temos basto material para afirmar que a África não é sob o ponto de vista espiritual, uma terra árida e, admitindo que o que se tenha produzido desde épocas remotas até hoje traga a marca indelével



PINTURA BUSCHIMAN

de uma *mentalidade negra*, não deixam de merecer, essas manifestações artísticas, o mesmo interesse que as produzidas pela *mentalidade dos brancos* ou dos *amarelos*, pois que se nós outros, os da raça branca, somos superiores pelo regime social em que vivemos e pelos nossos recursos técnicos, em arte e até no pensamento, se compararmos os nossos primitivos com os primitivos da raça negra teremos que olhá-los com mais respeito. Não é possível, no curto espaço de um artigo de *magazine*, abarcar todas as modalidades da *Arte Negra*

centos, tipos estes que se foram mesclando uns, exterminando-se outros, produzindo novos tipos, com novas tendências e com especialíssimas manifestações artísticas.

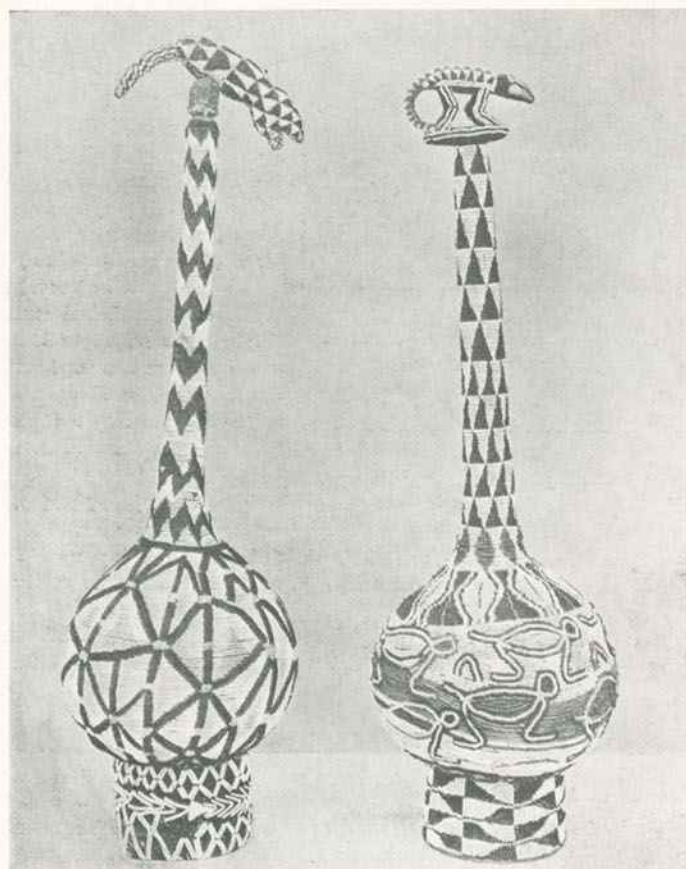
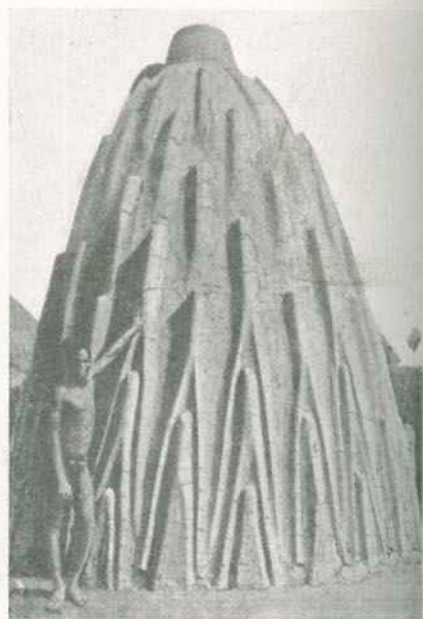
Das bandas do Mar Vermelho, da Arábia, veio a avalanche permanente dos semitas a empurrar a gente de tez acobreada para o poente (assim aconteceu aos etíopes e aos abexins) tendo sido atraídos para o extremo sul os amarelo-pardacentos — os *Buschiman*.

São os *buschiman* os de cultura mais primitiva do Continente Africano e, nomadas como eram na constante roda-viva das emigrações, vivendo completamente nus, apenas dispunham de utensílios de pedra mal talhada.

Desprovidos de qualquer ideia de casa dispensavam o mobiliário. Como se não cobriam dispensavam a arte da tecelagem, e como não agricultavam, desconheciam a arte de cesteiro para fabricar os recipientes em que deveriam arrecadar os produtos da terra. Eram os autênticos *homens das cavernas* do Continente Negro.

A partir do décimo século da era cristã, são os *Bantús* (mistura dos negros-acho-

CASA EM ABOBO TETA PELOS NEGROS DA REGIÃO DO TEBE



VASOS DECORADOS, COM VIDRILOS DE CÔR, PELOS NEGROS DO CAMARÓ

com orientalismos que fizeram época nas artes e nas letras, por ventura com visões mais justas e desempoeiradas e sobretudo pelo desenvolvimento cultural que as nações coloniais atribuíram aos seus domínios do Continente Negro, a verdade é que uma grande curiosidade tem sido ultimamente votada a tudo que nos vem de lá, tendo-se procedido até com exagêro na música, na dança, caricaturando e transplantando as dissonâncias disparatadas da primeira, e os *des-trambelhos selváticos* da segunda, para os salões da gente que se diz civilizada.

e correlacioná-las, naturalmente com a expansão etnográfica do continente africano. No entanto, não devemos cair no gravíssimo êrro de imaginar que a África é um continente de cultura uniforme, sem história, representando para os europeus como que um vasto manancial de escravos e trabalhadores.

Tão pouco as raças que a povoam são uniformemente de cor negra, podendo até de um modo sumário dizer-se que de princípio podiam reduzir-se, de Norte a Sul, a três grandes tipos: acobreados, negros-achocolatados, e amarelo-parda-



ESCULTURA DUM REI DE BENIN — BRONZE DO SÉCULO XVII

colatados com os povos acobreados do Sul do Sahará) os que dominam em quasi todo o território Africano. Estes, ao penetrar no território dos *buschiman*, mesclaram-se primeiro, produzindo essa raça forte dos hotentotes, que acabaram por exterminar os *buschiman*, dos quais existem actualmente no reduzido número de 3.000, segundo informes da Comissão de Mandatos.

Antes, pois, que os holandeses tivessem chegado à Colónia do Cabo e ao Transvaal já os *buschiman* se achavam quasi exterminados, e, da sua actividade artística, logo se descobriram inúmeras pinturas nas paredes das cavernas ou desenhos gravados nas rochas (Kopje), não aparecendo nem esculturas nem quaisquer trabalhos em pedra branda.

Nesse povo de nómadas não se encontra nem a arte do mobiliário e até os próprios utensílios de silex (frechas e machados) são grosseiros e sem polimento.

Os *buschiman* eram, pois, exclusivamente pintores ou desenhadores, e dedicando-se essencialmente à caça, tódas as solicitações da sua sensibilidade iam, naturalmente, para a reprodução em de-

licados e curiosíssimos desenhos das quantas espécies de animais que viviam no mato, e que hoje se podem admirar não muito longe da cidade do Cabo, em muitas rochas e cavernas no Estado Livre do Orange ou nos «kopjes» da Rodésia.

Nos fins do século XVIII, um colono inglês de nome Barrow que as visitou, escrevia o seguinte: «Os animais estão desenhados com tanto carácter como se tivessem estado ali a servir de modelo ao desenhador. Estavam pintados a carvão, terra branca e vários ocre, antílopes, zebras, cervos, macacos e aves-truzes, tudo animais que viviam na região.»

Mais tarde, em 1770, o holandês Hahn diz que um velho *buschiman*, seu amigo, empregava nas suas pinturas o negro, o amarelo, o branco e o vermelho, fixando as cores com gorduras, gomas e resinas.

Mas não eram só os animais o objecto das pinturas destes negros primitivos.

PLACA DE BRONZE REPRESENTANDO UM REI DE BENIN, EM TRAJE DE FARRADA



Na Rodésia e noutras regiões existem pinturas representando lutas entre os *bushman* e *hotentotes*, não lhes faltando o curioso detalhe da cor, amarelo-pardacento para os primeiros e cor de chocolate para os segundos.

As gravuras trabalhadas nas rochas, bem como as pinturas, manifestam sempre a mesma percepção da realidade viva e, sobretudo, uma aguda sensibilidade para o movimento.

Em todos os desenhos se pode observar um estilo sóbrio, todo há de mais mo com um curioso profundo perspectiva.

Tal era a ar *buschiman*,

tudo quando a perspectiva, sentido de de e perspectiva te dos os pri-



UM REI DE BENIN, EM TRAJE DE GALA. ESCULTURA EM BRONZE, IMITAÇÃO DOS PORTUGUESES NO SÉCULO XVI

mitivos do Continente Africano, e se fôsse possível alargar-nos em considerações, veríamos que interessantes manifestações de sensibilidade artística se notam nos *bantús* da África Equatorial; nos escultores em bronze de Benim, que sofreram a influência dos navegadores portugueses do século XVI, os cesteiros e ourives do Zambeze e do Congo, os filigranistas do Camarão emarchetadores de vidrilhos, os decoradores-arquitectos do lago Tchad, os tecelões dos palmares africanos, etc.

Tódas estas modalidades da actividade artística de uma raça tão desdenhada têm dado um contingente riquíssimo para se poder aquilatar da *Arte negra*, arte tão curiosa, tão ingénua e sincera que acaba de triunfar ruídosamente, entre outras, na Exposição Colonial de Paris.

Meneses Ferreira.

Festas de caridade

NO AVENIDA PALACE

Realiza-se esta tarde nos magníficos e vastos salões do Avenida Palace, o terceiro «chá de caridade» organizado por uma comissão de senhoras da nossa aristocracia a favor da benemérita instituição de caridade Casa de Protecção e Amparo de Santo António, durante o qual haverá partidas de *Mah-jong*, *Bridge* e *Bluff*.

Como nos anteriores, as mesas estão marcadas por tudo o que de melhor conta não só a nossa primeira sociedade, como também o corpo diplomático.

NA ESPLANADA MONUMENTAL.

Organizado por uma comissão de gentis senhoras solteiras da nossa primeira sociedade, realiza-se na tarde de sábado de Aleluia, no vasto salão da Esplanada Monumental, à avenida Alvares Cabral, ao Rato, amavelmente cedido pelo seu proprietário, um «chá dançante» de caridade, cujo produto se destina a favor do Orfanato Escola Santa Isabel, a benemérita instituição de caridade, que tem a seu cargo o sustento de um grande número de crianças pobres e que está lutando com verdadeiras dificuldades.

Casamentos

Na paróquia de Santo António, do Estoril, realizou-se no dia 1 do corrente, o casamento da sr.^a D. Carlota Eickhoffe, gentil filha da sr.^a D. Elizabeth Eickhoffe e do importante industrial alemão, residente no Rio de Janeiro, sr. Guilherme Eickhoffe, com o sr. Victor Konder, distinto advogado, jornalista e antigo ministro das Obras Públicas, do Brasil, no governo do sr. dr. Washington Luis, tendo o acto civil sido realizado na 6.^a Conservatória do Registo Civil.

Foram padrinhos, tanto do acto civil como do religioso, o sr. dr. Júlio Prestes, presidente eleito, sua esposa e o sr. general Sezefredo Passos, que foi ministro da Guerra do mesmo governo. Terminada a cerimónia religiosa, foi servido no Hotel do Parque, um finíssimo lanche.

— Com grande solenidade efectuou-se o casamento da sr.^a D. Margarida Correia, gen-

VIDA ELEGANTE

tilíssima filha da sr.^a D. Sofia Augusta Ferreira Correia e do sr. Marcelino Marques Correia, já falecido, com o sr. dr. José Teixeira Filipe da Costa, ilustre médico, filho da sr.^a D. Laura Amélia Viana Teixeira da Costa e do coronel de engenharia sr. Artur Filipe da Costa. Foram padrinhos da noiva, sua mãe e o irmão do noivo, sr. engenheiro Carlos



OS NOIVOS COM OS PADRINHOS DEPOIS DO ACTO CIVIL, REALIZADO NA 6.^a CONSERVATÓRIA, VENDO-SE À ESQUERDA DO NOIVO O SR. DR. ADOLFO LEITÃO, CONSERVADOR DO REGISTO CIVIL, QUE EFECTUOU A CERIMÓNIA

Teixeira Filipe da Costa e do noivo seus pais. Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Ajustou-se oficialmente, o casamento da sr.^a D. Maria Luclia Ferreira Lima Correia Mendes, interessante filha da sr.^a D. Leopoldina Ferreira Lima Correia Mendes e do coronel do Corpo do Estado Maior, sr. Francisco Xavier Correia Mendes, com o sr. Miguel de Saldanha da Gama de Cabedo e Vasconcelos (Zambujal), filho dos srs. Viscondes de Zam-



A SR.^a D. MARGARIDA CORREIA E O SR. DR. JOSÉ FERREIRA FILIPE DA COSTA, DEPOIS DA CERIMÓNIA DO SEU CASAMENTO, ACOMPANHADOS DOS SEUS PADRINHOS

bujal. A cerimónia deverá realizar-se por todo o corrente ano.

— Realizou-se na paróquia da Ameixoeira, o casamento da sr.^a D. Maria Luisa Casal

Ribeiro Ulrich, gentil filha da sr.^a D. Maria da Conceição do Casal Ribeiro Ulrich e do sr. dr. João Enes Ulrich, com o sr. António Pinheiro Pinto Basto, filho da sr.^a D. Emília Pinheiro Pinto Basto e do sr. Frederico Ferreira Pinto Basto.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Maria do Carmo de Castro Pereira de Carvalho, e D. Maria Benedita de Castro Pereira Ulrich respectivamente tia e cunhada da noiva e de padrinhos os srs. Guilherme Ferreira Pinto Basto e José Pinheiro Pinto Basto, respectivamente tio e irmão do noivo.

Celebrou o acto religioso, o rev. Couto, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção. Finda a cerimónia religiosa, foi servido no palacete da avó da noiva, sr.^a condessa do Casal Ribeiro, um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois para a quinta das Gaciras, propriedade dos pais do noivo, onde foram passar a lua de mel. Aos noivos foi oferecido grande número de prendas.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Celeste Ferreira do Amaral Tavares de Car-

valho, esposa do sr. dr. Mário Tavares de Carvalho. Mãe e filho estão de perfeita saúde.

— A sr.^a D. Vitorina de Melo Maldonado, esposa do sr. Joaquim de Almeida Maldonado, funcionário da Intendência Geral da Polícia, teve o seu bom sucesso. Mãe e filha encontram-se de perfeita saúde.

Baptizados

Realizou-se na paróquia de Santa Isabel, o baptizado do menino Carlos António, gentil filhinho da sr.^a D. Dorila Mascarenhas Pessanha de Mendonça Leça da Veiga e do distinto clínico sr. dr. Miguel Leça da Veiga, tendo servido de madrinha a sr.^a D. Júlia Sodrys Mascarenhas de Brito e de padrinho o sr. Carlos Sampaio Efrem.

— Com muita intimidade, realizou-se na paróquia do Sagrado Coração de Jesus, o baptizado da menina Maria Isabel, interessante filhinha da sr.^a D. Maria Guadalupe

Benito Garcia e do sr. Natálio Garcia, servindo de padrinhos seus tios, o sr. David Benito Garcia e esposa.

D. Nuno

A mulher fina, a senhora distinta, a verdadeira dama é uma flor — se é que não é por excelência a Flor, a fina Flor — da hierarquia e da desigualdade, da evolução e da civilização.

Mas a civilização periclitada e ameaçada ruína, assaltada em todo o mundo por uma onda que parece cósmica, hostil a todas as hierarquias, niveladora das últimas desigualdades humanas.

Virá porventura um dia em que a mulher fina excepcional desapareça da face da Terra? Um dia feliz ou infeliz, em que as mulheres sejam todas igualmente finas ou todas igualmente grossas?...

Há uma escola social que quer isto, ou coisa parecida. E eu respeito todas as ideias, com a só condição de as compreender primeiro. Esta ideia compreendo-a perfeitamente: vem da ânsia de igualdade que refere ao peito de todo aquele que se sente desfavoravelmente desigual. O pobre quer ser igual ao rico, o corcunda quer ser igual ao belo e forte homem perfeito, a mulher a quem chamamos «humilde» quer ser igual à mulher fina.

Respeito, como me cumpre, essa ideia da completa igualdade; mas não creio que ela possa realizar-se nunca. E vou já dizer porquê.

* * *

Há anos morei numa casa do arrabalde de Campolide. Quasi defronte havia um terreno vago, onde alguém estabeleceu um recinto de baile popular. Duas ou três noites por semana dançava-se ali animadamente, e da minha janela eu via entrarem raparigas e rapazes, ouvia a música, e regozijava-me de ver que aquela mocidade pobre tinha ali um desfôgo são, e talvez inocente.

Mas à porta que abria para o recinto estava pregada uma taboleta, que eu li muitas vezes, ao passar. E êsse letreiro dizia, textualmente:

NÃO É PERMITIDA A ENTRADA A DAMAS DESCALÇAS!

Cada vez que eu lia estas palavras: (Não é permitida a entrada a damas descalças), e ainda agora, quando penso nelas, sentia e sinto cá dentro uma grande consolação. E pensava, comigo mesmo, isto que agora digo: *A civilização não está perdida, porque o povo, em qualquer caso, a salvará.*

Pode dar-se que nós, os cultos e os educados, os pseudo-cultos e pseudo-educados; nós, burgueses, classe média sem boas escolas ou aristocracia fatigada, deixemos cair das mãos enfraquecidas, o facho que recebemos dos maiores. Pode dar-se que a civilização sofra um eclipse, enquanto a direcção social passe de mãos envelhecidas ou inertes para mãos inexperientes; pode dar-se que, por anos e decénios, se acumulem ruínas, porque o sangue novo terá de fazer lentamente o aprendizado do governo. Mas a civilização não morrerá, porque o povo quer, e com toda a razão, que haja damas, mesmo descalças.

Há pouco, não me lembro onde, li esta anedota, que pode ser tão autêntica como

A MULHER DE AMANHÃ E A DE SEMPRE

é o letreiro de que vos falei. Na plataforma de um omnibus ia um casal cuja aparência denunciava claramente as suas condições e qualidades. Um rapaz bonito, de boina e de melena, com ar de ocioso, vicioso e tresnoitado. Uma rapariga com os mesmos estigmas de vida imoralíssima estampados no rosto, no vestido e nas maneiras...

Os dois discutiam animados; e percebia-se que o homem ralhava com a mulher. E não podia haver dúvida de que aquele homem exercia a profissão fácil e cómoda, viver à E a cer rapaz di para seu gôsto, de custa desta mulher. ta altura ouviu-se o zer: « Não te admito



que andes com essa gente. Não são relações dignas de ti...

...A sociedade não pode ser, nem será nunca uma planície. Por mais que queiram, por mais que gritem, por mais que façam, por mais que morram e por mais que matem, não há volta a dar-lhe: a sociedade foi, é, e tem de ser uma escala ou uma escada. Os dois casos por mim apontados mostram que até ao fundo ou desde a base (como queiram), os desníveis aparecem, e surgem os degraus — no domínio psicológico (note-se bem): dentro, muito dentro das almas, e não apenas exteriormente, no plano das convenções e dos costumes.

Aquele que nos parece o último dos últimos consegue ver outros abaixo de si. E isto é excelente para a conservação da vida, que, se não fôsse assim, sossobriaria no desespero para muitos desgraçados.

Sempre uma mulher se sentirá dama em presença de outra menos dama do que ela. Sempre uma inveja olhará para

cima, e sempre uma vaidade olhará para baixo. Esta lei é triste — e fecunda. Tenho muita pena de dizê-lo; mas não posso esconder isto a mim próprio e aos outros: *esta é uma das leis da civilização.*

E, afinal, não há razão para nos desconsolarmos. Temos de fazer, como dizem os franceses, boa cara a mau jôgo, porque o jôgo nem sempre é mau. Temos, como se diz entre nós, de fazer das tripas coração, porque, enfim, se em nós governam por vezes as vísceras menos nobres, também outras vezes as mais nobres impõem aos nossos actos a sua nobreza. A sociedade, a cidade, o progresso, a civilização, são obras humanas e não podem deixar de reflectir por algumas das suas faces as virtudes, e por outras os defeitos dos homens.

O que é preciso é que os defeitos humanos não levantem cabeça acima da medida em que são construtivos. Muita inveja em terra pequena divide os homens que tanto deviam juntar-se, para compensar pela união a deficiência do número; muita vaidade em classes que têm funções dirigentes incapacita-as para dirigir. Toda a poção pode ser benéfica ou mortífera, segundo as doses em que foi composta. E à educação, individual ou colectiva, bem pensada e bem dirigida, religiosa ou cívica, compete temperar os caracteres até àquele ponto crítico em que a inveja destrói e a vaidade destrona.

Simpatia, ingénua e criadora é a vaidade da santa mulher que, mais por emulação com a vizinha, do que por impulso próprio, trabalha e moireja para se vestir bem, para trazer os filhos arranjados, para limpar e guardar a sua casa. Muitos caminhos levam a Deus, e êste é um dos que, por mais que o entulhem de ideologias e quimeras, por mais que a mania lógica dos homens os enlouqueça a ponto de não verem o ilogismo da vida e da realidade, ficarão sempre, imutavelmente, eternamente abertos ao progresso e ao melhoramento de nós todos.

No mundo moderno, as aristocracias que incessantemente se vão formando e sucedendo, já não são resultantes do músculo e da coragem impetuosa dos heróis que venciam nas guerras. A sua origem está antes nas virtudes caseiras e no heroísmo miúdo, quotidiano, admirável, das mulheres mansas que mansamente governam os homens, mansamente os ajudam e incitam a elevar-se, e mansamente, como a gota de água enche o tanque, como o polipeiro constrói a ilha no mar, como o átomo se junta ao átomo para formar a nebulosa e o astro — ascendem de classe, renovam a sociedade, e continuam o mundo.

São assim as verdadeiras e autênticas «damas» do povo de agora. E foram assim muitas damas do povo de ontem, e sem elas não haveria muitas damas de hoje, muitas damas-damas.

Primeiro descalças, em seguida calçadas, depois bem vestidas, mais tarde educadas e, afinal, finíssimas... Assim é, assim foi, e assim será. E assim seja para todo o sempre — e amen.

Agostinho de Campos.



BRIAND

Com o falecimento do extraordinário político e estadista que foi Briand, perdeu o mundo e, muito particularmente, a França, um dos esteios mais poderosos para um bom entendimento internacional. Aristides Briand foi daqueles que assombrou pela trajectória brilhante da sua carreira de político. Filho de pais humildes, desde criança aprendeu a encarar bem de frente as misérias da vida, tornando-se primeiro um combatente revolucionário das ideias sociais e, mais tarde, com a experiência dos anos, pela bondade do

coração e pela pureza dos ideais, um homem que punha a par de um grande amor pela pátria, um ainda maior culto pela paz. Durante os vinte e três anos da sua carreira política foi por vinte e duas vezes ministro e presidiu a dōze Ministérios. Briand pertenceu ao número daqueles que difficilmente se esquecem.

A eleição presidencial alemã

À hora em que esta página se começou a imprimir verificou-se na Alemanha a jornada eleitoral para a presidência da República do Reich. A primeira jornada eleitoral deu uma maioria de votos a Hindenburgo, no entanto insuficiente, pelo que se terá que repetir no próximo dia 10 de Abril.

São quatro os candidatos de os partidos apresentam a estas eleições. Na nossa gravura vemos, da esquerda para a direita, em cima: Hindenburgo e Duesterberg, este comandante em chefe dos capacetes de aço; e um baixo: Hitler, caudilho nacional-socialista, e Thälmann, candidato comunista. É com razão que o interesse mundial se concentra no resultado destas



eleições, que poderá ser decisivo não só para o actual momento político naquele país como para todo o futuro da Alemanha.

Pelo mundo da musica

Foi sensacional, constituindo um facto inigualado na história da música, o concerto dado pelo brilhante pianista Ignace Jean Paderewski, o mês findo, em Nova York, no Madison Square Garden, ante uma audiência constituída por 10.000 pessoas. Um absoluto record.

Pelo mundo das letras

— O conflito sino-japonês parece não ter influido particular-



mente para que o Japão alterasse os seus costumes. Como habitualmente, acabou de realizar-se em Tóquio, o concurso anual de poesia, de que safu vencedora a poetisa Shizu Ko Oshima, cujo retrato publicamos.

— O livro da ocasião em tōda a Alemanha é *Volk in Fieber*, de Josef Maria Frank. A obra pretende estudar o delirio político da Alemanha nos últimos tempos.

O concurso Kodak

A delegação portuguesa da casa Kodak enviou-nos as caricaturas juntas que parodiavam



com muita oportunidade, os assuntos premiados em 1931 com os prêmios internacionais de fotografia. Representa a primeira a figura alegórica da Paz assistindo a como desaparece no horizonte o Sol do desarmamento e como o céu se tolda de pesadas nùvens... guerreiras. A segunda, uma felicíssima charge ao cliché apresentado a Concurso pelo sr. Luiz Brandão e classificado com o primeiro prêmio na classe «Crianças», paródia às boas amizades sino-japonesas. O assunto dispensa mais comentários. O lápis do desenhista fala por nós, e à amabilidade dos nossos amigos da Kodak devemos o poder reproduzir em primeira mão em Portugal estas caricaturas.

O gesto de um artista



Éis o retrato de Lilian McEvoy, uma pobre artista ambulante, que Friz Kreisler surpreendeu nas ruas de Dublin. Agradavelmente impressionado pela sua execução, Kreisler conseguiu-lhe um excelente contrato num teatro inglês.

«FLIP»

Aqui apresentamos aos nossos leitores, *Flip*, a foca mascote de uma das praias das ilhas do



Pacífico que os banhistas da baía de Avalon tratam com requintes de amabilidade levando-lhe tōda a qualidade de guloseimas. *Flip* é de uma docilidade espantosa

PELO MUNDO FÓRA

e gosta de participar com os seus benfeitores nos torneios de natação em que se distingue sempre brilhantemente.

Morte à má disposição!

Todo o mundo, sabe-se, está em crise. Em tōda a parte os mesmos queixumes, as mesmas caras desanimadas. O dinheiro não abunda, os cuidados aumentam a olhos vistos, tōda a gente se queixa... Os americanos, gente de iniciativa e, de quando em quando, de boa graça e bom espírito, lutam contra essa má disposição geral e, como são mestres na propaganda, procuram agora, de diferente maneira, ridicularizar a onda de tristeza geral que se propaga pelo mundo. Para isso proclamaram que *Mr. Depression* uma figura humana, alegórica, representando



um homem muito abatido pela crise actual, deveria ser condenado à morte e fizeram percorrer as ruas de Nova York um camião, transportando, entre grades de uma prisão, um burguês mal-disposto sentado na cadeira eléctrica. O público achou graça e riu. Naquele dia pelo menos, matara-se o abatimento provocado pela crise; resta esperar que, brevemente, o consigam matar *omnia seculum... seculorum!*

EM BERLIM



PARA evitar tōda a classe de erros judiciais e tōdas as tentativas de sequestro, criou o Instituto de Jurisprudência Clínica de Berlim um arquivo de identificação para crianças, obrigando os pais a apresentar os seus filhos cujo cadastro é rigorosamente estabelecido pelos mais modernos processos de identificação.

PELO MUNDO FÓRA

O filho de Lindbergh

TEM preocupado o mundo inteiro o misterioso rapto do segundo filho do aviador Lindbergh, atingindo o caso, pelas



circunstâncias em que se verificou e pelo facto de a muitos parecer impossível que se tivesse, realmente, dado em pleno século XX um acontecimento tão romanesco, fóros de sensacional. A fotografia de Madame Lindbergh com a criança raptada ao colo, que publicamos, foi obtida algumas semanas antes do audacioso roubo, e somos em dizer que aquilo que mais impressiona a opinião pública é a modelar policia americana não ter até agora conseguido descobrir-lhe o paradeiro e que numa época de tanta perfeição criminalística se roube uma criança com mais facilidade do que se subtrai uma laranja da loja de qualquer hortaliçeira...

Sinais dos tempos

A criada—Os senhores não estão... mas pode deixar ficar a conta...

—Não trago conta nenhuma...

Eu...

—Ah! então com certeza que se enganou no andar!

(Do «Humorist»)

O ouro na Inglaterra

UMA verdadeira chuva de ouro inunda o império britânico. Todas as reservas de ouro das



colónias afluem em Londres, e toda a população correspondendo a um apêlo patriótico que lhe foi dirigido vende voluntariamente o ouro das suas jóias... ou antes, troca-o por libras em papel. É caso para preguntarmos se esta chuva de ouro produzirá, na verdade, uma boa colheita...

O terrível Lampeão

NO Brasil, Lampeão, espécie mais bruta e menos culta de Al-Capone ou de Jack Diamond, continua a fazer das suas... Hoje aqui, amanhã acolá, roubando, incendiando e matando, o caso é que ninguém lhe deita a mão a-pesar de tanta gente andar apostada em apagar-lhe de vez o lampeão da vida... Arquivamos, pois, aqui o retrato do famoso bandoleiro dos sertões onde canta o sabiá, e somos em dizer que, à vista o homenzinho até parece inofensivo e que a espingarda e o punhal à cinta são como que uma nota irónica numa figura tão boçal que além de uns óculos à Harold usa um chapéu que parece de chê-chê!



Mesmo assim é preferível recomendar: tomem lá cautela com êsse lampeão...

Um pensamento de Goethe

DOS Dizeres em Prosa, de Goethe, cujo centenário se vai comemorar dentro em dias, extratamos o seguinte pensamento: Como conseguimos conhecer-nos a nós mesmos? Nunca por observação, mas sim agindo. Tentemos desempenhar-nos das nossas obrigações, e logo sabermos o que em nós se passa.

Os bailes em moda

A última palavra nas distrações da sociedade inglesa e que começa já a repercutir-se em França são os bailes na cozinha... Convidados e donos da casa reúnem-se na cozinha e preparam por suas próprias mãos o jantar ou a ceia, e enquanto os

tachos vão ao lume e as travessas ao forno, dançam e divertem-se como se estivessem numa sala de baile. A inovação, que não podemos deixar de classificar como bastante ratona, tem causado sucesso nos meios ele-



gantes de Londres e de Paris e, quanto mais não seja, corta um pouco a monotonia da época, falta em originalidade, que vamos atravessando.

O teatro no estrangeiro

A gravura que acompanha estas linhas representa a cena culminante da célebre peça *The Green Pack*, de Edgar Wallace, estreada com enorme sucesso em Londres na noite em que, em Hollywood, falecia o autor. A



cena representa o jogo de cartas entre os três protagonistas principais para escolherem entre si qual deles se deve desempenhar da prática de um crime.

—Em Berlim, tem causado grande sucesso interpretando o

papel principal de uma comédia de Hauptmann, Emil Jannings, que reingressou há algumas semanas no teatro.

DE VALERA.

FOI, há poucos dias, eleito presidente do novo governo irlandês, o político De Valera, que muito se tem salientado nas campanhas nacionalistas da Irlanda. De Valera, filho de um espanhol



e de uma irlandesa, nasceu em Nova York. A sua personalidade é classificada, por muitos, de bastante enigmática, comparando-o, alguns, a Gandhi do qual, dizem, possui a coragem, a integridade, o espirito doutrinário e a incapacidade de prever as consequências da política desenvolvida. Há também quem lhe encontre pontos de contacto com a personalidade do antigo presidente dos E. U., Wilson, por De Valera gostar de apelar frequentemente para os altos princípios da moral humana. Não falta, por outro lado, a De Valera a faceta aventureira que lhe grangeou na Irlanda a simpatia geral. É, pois, com justificado interesse que se aguarda o desenvolvimento da sua política como presidente do governo.

A boa graça no estrangeiro

Da *Die Woche*, recortamos:

—Sabes? Comprei ontem um Rembrandt maravilhoso!

—Ah sim?! E de quantos cavalos? Aberto ou fechado?

A CARICATURA NO ESTRANGEIRO



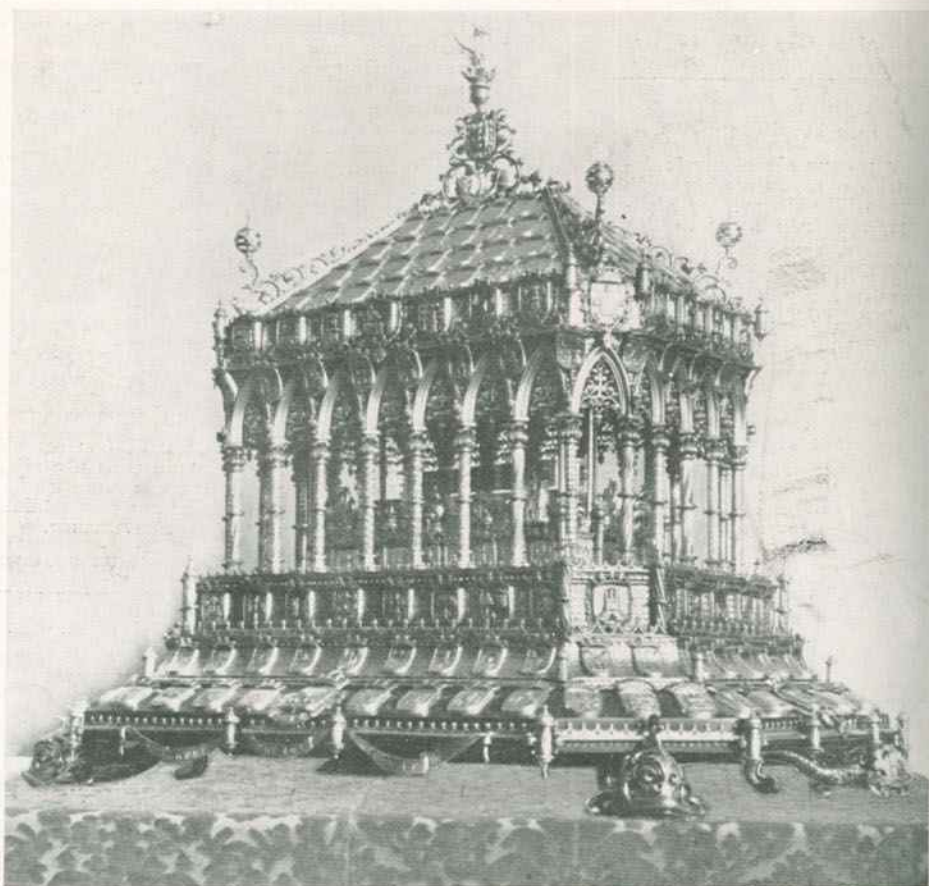
—ACHO-A NOVA DE MAIS E FALHA DE EXPERIÊNCIA PARA GOVERNAR A MINHA CASA...
—MAS, MINHA SENHORA... EU ESTIVE SEIS MESES EM CASA DOS CONDES DE MILLWATER E SO SAÍ DE LÁ QUANDO O SR. CONDE SE DIVORCIOU DA SENHORA CONDESSA...
—AH, SIM? ENTÃO ESTÁ BEM... FICO CONSIGO. E, ANTES DE MAIS NADA, SENTE-SE E CONTESE COMO AQUELO FOI...

(Caricatura de Harold Beards, no «Graphics», de Londres)

A C T U A L I D A D E S

UMA VALIOSA OBRA DE ARTE

A visita oficial do Presidente da República à capital do norte, foi assinalada pela cerimónia da entrega do *Relicário* — precioso objecto de arte, decorado com os braços de todos os municípios do país — oferecido ao sr. dr. Oliveira Salazar, como homenagem à sua obra financeira. O sr. ministro das finanças, que não pôde comparecer à sessão solene, realizada na Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia fez-se representar pelo sr. ministro do Interior, onde falou em nome da comissão de homenagem, o engenheiro sr. Jorge Vieira de Araújo, presidente do município de Gaia, que se referiu ao alto significado moral da oferta do *Relicário*. Respondeu-lhe o sr. ministro do Interior, que leu um telegrama do seu colega das Finanças, justificando a sua ausência e agradecendo a homenagem prestada.



Benção das pastas dos quintanistas de Direito e Medicina



A CERIMÓNIA DA BENÇÃO DAS PASTAS DOS QUINTANISTAS DE DIREITO E MEDICINA REALIZOU-SE, A SEMANA PASSADA, NA IGREJA DOS MÁRTIRES. NA CAPELA-MOR TOMARAM PARTE OS SRS. DRS. ARI DE ANDRADE, TOMAZ DE MELO BREYNER E FERREIRA DEUSDADO E MONSENHOR CESAR DOS SANTOS, REPRESENTANTE DO SR. NÚNCIO APOSTÓLICO. O SR. CARDEAL PATRIARCA, ASSISTIDO PELO REV. CÓNEGO MARTINS PONTES, DR. BERNARDO CARREIRA, PAROCHO DA FREGUESIA, E MONSENHOR HONORATO MONTEIRO, CELEBROU MISSA NO ALTAR-MOR, FAZENDO EM SEGUIDA UM DISCURSO, FINDO O QUAL SE PROCEDEU À BENÇÃO

Noticias da Quinzena



JOAQUIM LEITÃO

Joaquim Leitão, sócio-efectivo da Academia das Ciências, leu, numa das últimas sessões desta prestigiosa instituição, um trabalho notável, *A impossível paz*, verdadeira jóia literária em que o ilustre escritor, hoje um dos prosadores mais brilhantes e mais pessoais da nossa literatura, evoca o maravilhoso cenário bizantino de Grotta Ferrata e, nesse cenário ofuscante, o drama de consciência de um homem que procura inutilmente a paz no mundo, porque a não tem dentro da sua própria alma. A impressionante novela acaba de ser publicada numa edição primorosa, constituindo mais um documento da arte admirável de Joaquim Leitão.



AUGUSTO D'ESAGUY

A cara de vir a lume um pequeno opúsculo intitulado «Apologia da Água de Inglaterra da Real Fábrica» (1812); da



EM DOS QUADROS DO PINTOR TAVARES CORREIA, EXPOSTOS NO SALÃO BOBONE, DA EXPOSIÇÃO ERA O NOSSO BRILHANTE COLABORADOR SR. DR. SAMUEL MAIA NA «CRÔNICA DA QUINZENA»

autoria do médico e escritor sr. dr. Augusto d'Esaguy, nome conhecido, que se tem imposto pelo seu trabalho e dedicação e pela sua lúcida inteligência. Ao mesmo tempo, em separata de «A medicina contemporânea», publicou também Augusto d'Esaguy um estudo sobre «A Sífilis Escolar», que tem merecido da crítica grandes elogios.

RAMADA CURTO

Dos actuais dramaturgos portugueses, Ramada Curto é, sem dúvida, o mais representado e o mais aplaudido. A 15.ª recita da sua última obra «A cadeira



da Verdade», foi como que a consagração do brilhante homem de teatro. As suas qualidades de observação e o seu talento de escritor teatral, reservam a Ramada Curto noites de grande glória para a dramaturgia nacional. Na festa do Trindade — em honra do ilustre homem de teatro — falaram: Félix Bermudes, pela Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais; Erico Braga, pelo Grémio dos Artistas; dr. Ricardo Mota, pela Comissão de homenagem, e a actriz D. Lucília Simões leu versos do conhecido poeta Acácio de Paiva.

Ramada Curto bem mereceu do público, que, por completo, encheu a sala do Trindade, a grande ovação de que foi alvo.

VEIGA SIMÕES

O ministro de Portugal em Praga, sr. dr. Veiga Simões, fez em Bruxelas, no Instituto de Altos Estudos, algumas conferências sobre *O paralelismo das relações económicas e políticas entre Portugal e a Flandres*.

A última versou, principalmente, sobre *A obra literária dos memorialistas e escritores rejulgados na corte de Borgonha*.



O ilustre conferente — espírito culto e brilhante — acaba também de publicar uma interessante obra, sob os auspícios da Academia de Droit International, intitulada *Les nouvelles orientations de la politique économique internationale*.



LEOPOLDO FROES

Na Suíça, onde foi procurar alívios para o mal que o vinha minando, morreu o actor Leopoldo Froes, brasileiro por nascimento, mas português pelo coração. Foi em Lisboa que iniciou a sua carreira artística, ao lado de José Ricardo, e foi em Lisboa que representou pela última vez, interpretando o protagonista da peça «O diabo em casa», de Ramada Curto. Era um notável artista, querido das plateias brasileiras, onde conquistou um nome glorioso. Formou-se, no Rio de Janeiro, em ciências jurídicas e sociais, tendo deixado muitas produções literárias e políticas. A missa, mandada dizer por sua alma, na igreja dos Mártires, no dia 10, pelo Grémio dos Artistas e pela Empresa José Loureiro, constituiu uma sentida manifestação de saudade por parte dos artistas teatrais portugueses.



MANUEL D'ARRIAGA

No dia 5, fez quinze anos que morreu Manuel de Arriaga — figura de democrata, homem de bem, e que à República deu o melhor do seu esforço. Toda a sua vida foi um raro exemplo de isenção e de nobreza de carácter.

Manuel de Arriaga, que foi o primeiro Presidente da República, tinha o temperamento dum filósofo e dificilmente se adaptou às exigências políticas do seu tempo. Foi obrigado a afastar-se, a retirar-se, desiludido, pela marcha que tomaram as coisas públicas. A República deve-lhe muito, deve-lhe muitas horas de concórdia. A sua voz era sempre ouvida e os seus conselhos quasi sempre seguidos. Com a sua morte, o regime, perdeu um ferrenho defensor.

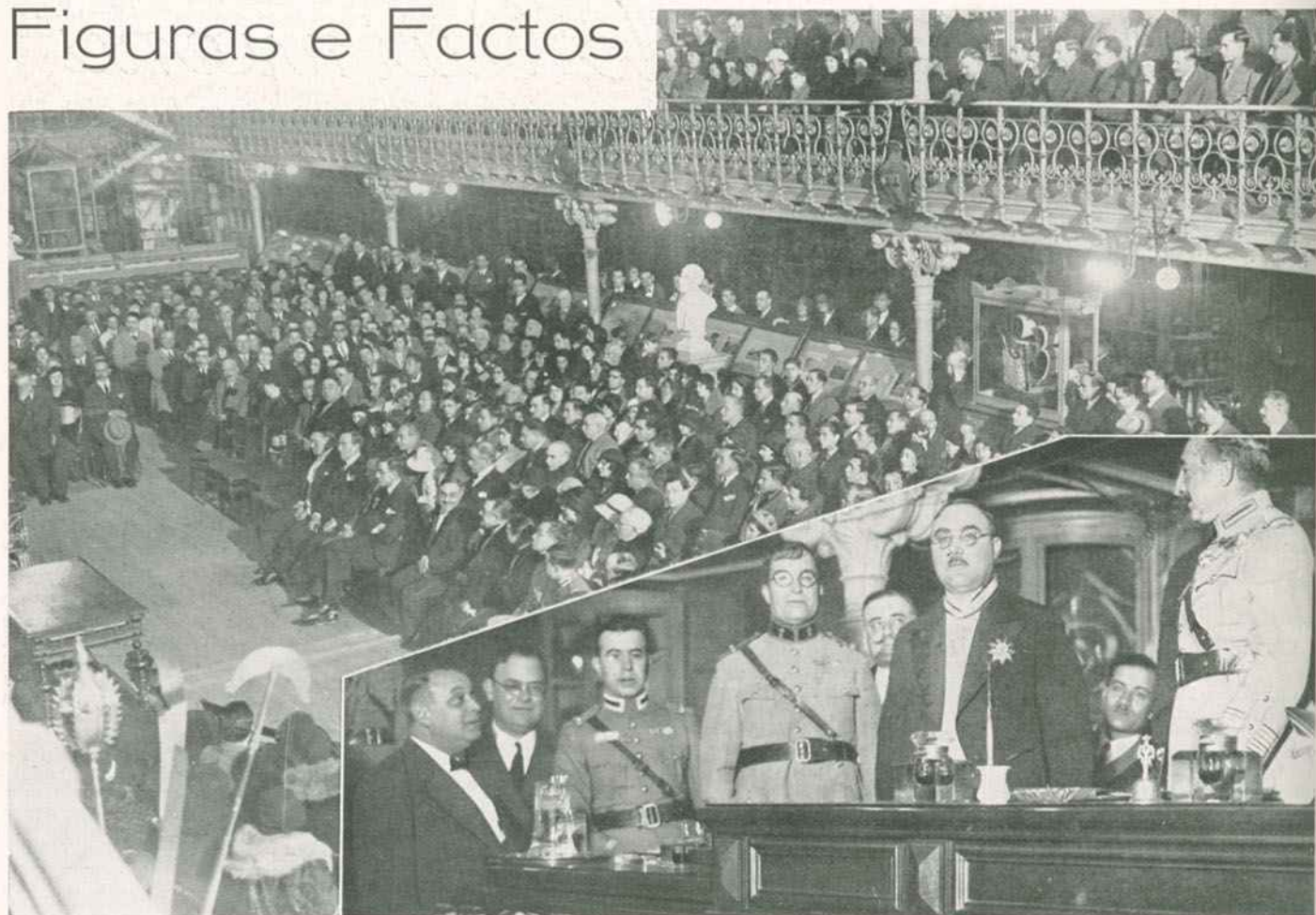
HERMANO NEVES

ERA uma figura no jornalismo o Hermano Neves. «Repórter» na verdadeira acepção da palavra, escritor cintilante, o seu nome vive ainda na memória de todos os que com ele conviveram,



e é sempre recordado com saudade. Já lá vão três anos — parece que foi ontem — que desapareceu do número dos vivos esse jornalista que amou a sua profissão, assinando trabalhos que honram uma língua e uma imprensa.

Figuras e Factos



A CAUSA DA RADIOFONIA MUITO DEVE AO SR. ARLÍO NUNES DOS SANTOS, POIS FOI ELE, POR ASSIM DIZER, QUEM A DESENVOLVEU, ENTRE NÓS. OS INÚMEROS AMADORES DA T. S. F., NUMA SIGNIFICATIVA HOMENAGEM, A QUE SE ASSOCIARAM AS ENTIDADES OFICIAIS, PROMOVERAM, HÁ DIAS, UMA SESSÃO, EM SUA HONRA, NA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA. O ASPECTO DA LINDA SALA «PORTUGAL» ERA IMPONENTE, COMO SE VÊ NA NOSSA GRAVURA, NO MOMENTO EM QUE O SR. CORONEL MANUEL LATINO, COMO REPRESENTANTE DO CHEFE DO GOVERNO, FEZ A APOSIÇÃO DAS INSÍGNIAS DA COMENDA DA ORDEM DE MÉRITO AGRÍCOLA E INDUSTRIAL AO HOMENAGEADO.



ACOMPANHADOS PELOS PROFESSORES SRS. DRS. SALAZAR DE SOUSA E HENRIQUE DE VILHENA, CINQUENTA E CINCO QUINTANISTAS REPUBLICANOS DA FACULDADE DE MEDICINA FORAM AO CEMITÉRIO DO ALTO DE S. JOÃO DEPOER UM RAMO DE FLORES NO MAUSOLEU DO PROFESSOR, GLÓRIA DA MEDICINA PORTUGUESA, SR. DR. MIGUEL BOMBARDA. AS NOSSAS GRAVURAS REPRESENTAM O QUINTANISTA SR. BARREIRA LENDO O SEU DISCURSO E A QUINTANISTA SR.ª D. CÉZINA BERMUDEZ DEPOENDO O RAMO NO SOCO DO TÚMULO.



A UNIVERSIDADE LIVRE—NUMA PATRIÓTICA INICIATIVA—INAUGUROU DURANTE ESTA ÚLTIMA QUINZENA VÁRIOS CURSOS NOCTURNOS EM ALGUMAS AGREGAÇÕES E COLECTIVIDADES. É UMA CAMPANHÁ SIMPÁTICA QUE MERECER GERAIS APLAUSOS E DEVE OBTER O MAIOR INTERESSE PÚBLICO. EM BAIXO VÊ-SE A SESSÃO DE INAUGURAÇÃO NA ASSISTÊNCIA DA FRIGUESSIA DA ENCARNAÇÃO E EM CIMA A MESMA, QUE PRESIDIU À INAUGURAÇÃO DO CURSO NO CENTRO TOMAZ CARREIRA, QUE ERA PRESIDIDA PELO SR. HUMBERTO MONTEIRO, PRESIDENTE DO CENTRO, E SECRETARIADO PELOS SRS. ALEXANDRE FERREIRA, REPRESENTANDO A UNIVERSIDADE LIVRE, E O DR. RAMADA CURTO.

desportos

A QUINZENA DESPORTIVA

A expedição à Ásia Central, organizada pela casa Citroën, em «auto-chenilles», automóveis-tractores, tem passado despercebida no nosso país, a-pesar do considerável sucesso que está reservado à empresa. Se a verdadeira finalidade da viagem era de características exclusivamente científicas, exacta é também que a forma como foi posta em prática, a luta sustentada pelo homem contra os mais rudes obstáculos da natureza, lhe dão pergaminhos de alto feito desportivo.

A missão, que partira em 4 de Abril de 1931 de Bayrouth, atingiu em 12 de Fevereiro último a cidade de Peking, primeiro objectivo da viagem, percorrendo 12.000 quilómetros através países inhóspitos e regiões bravias, ligando o Mediterrâneo ao Mar da China.

O grupo de auto-tractores conduzido por G. M. Haardt, o mesmo homem que guiara a anterior expedição Citroën que atravessou a África, percorreu em excelentes condições a Síria, o Irak, a Pérsia, o Afganistan e a Índia, abordando o planalto de Pamir, cuja escalada e travessia constituem uma proeza formidável que nunca houvera sido conseguida.

As dificuldades surgiram a cada passo naquelas montanhas agrestes, deshabitadas, sem estradas nem caminhos e cujos desfiladeiros sobem a quatro e cinco mil metros.

Houve pontos em que intransitáveis precipícios forçaram os arrojados exploradores a desmanchar por completo as máquinas, transportando peça a peça além do obstáculo, para montá-las de novo e prosseguir caminho. Em certo lugar os viajantes gastaram seis dias para percorrer cinquenta quilómetros.

No dia 10 de Outubro a travessia do planalto estava concluída e a caravana encontrava em Akson, no Turquestão Chinês, um outro grupo de carros que de Peking partira ao seu encontro cinco meses antes, correndo também sérios riscos resultantes da situação revolta das regiões atravessadas.



UMA PISCINA PARISIENSE TRANSFORMADA EM TANQUE DE PESCA E O PAGAMENTO DA «COLHEITA» À TABELA DO DIA

Estes mesmos perigos voltaram a impender sobre toda a coluna na travessia final da China, tendo sido por vezes atacada a tiro, felizmente sem que houvesse vítimas, a-pesar dos carros serem atingidos por bastantes balas.

O frio fez-se sentir severamente, temperaturas inferiores a 30°, tornando extremamente penosa a travessia do planalto mongólico, coberto de espessa camada de neve.

Parece-nos que homens que souberam levar a cabo, sem desfalecimento, uma expedição semelhante, arrostando com perigos e dificuldades, lutando contra a natureza agreste e a inclemência do clima, sempre com entusiasmo e energia, dispendendo generosamente os maiores esforços físicos, parece-nos que essas criaturas bem merecem o nome de desportistas.

* * *

Os últimos ecos dos Jogos Olímpicos de Inverno chegam a nossos ouvidos com rumores de fiasco e geral descontentamento.

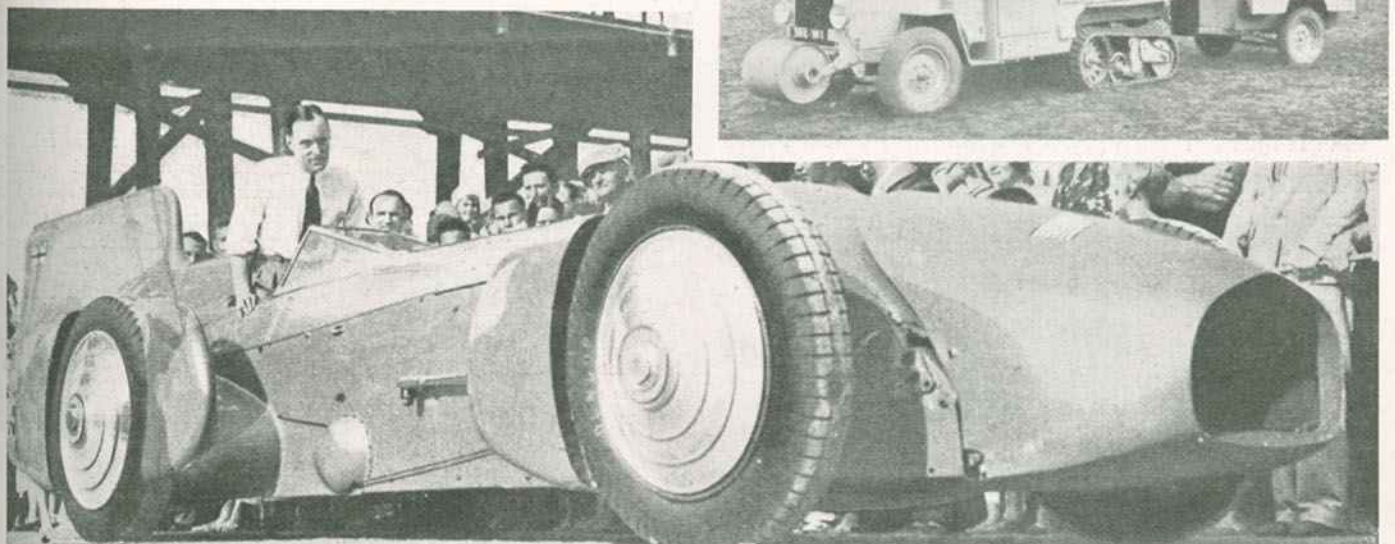
Para os organizadores não foi o negócio frutuoso, pois a receita não atingiu cem mil dollars, quando a despesa excedera um milhão.



Levando embora em linha de conta que neste orçamento estão incluídas as despesas de construção das pistas e patinagens que, pelo seu carácter definitivo, permitirão posteriores lucros, a verba não é susceptível de nivelamento e o próprio Comité Olímpico Americano confessa um deficit importante.

Os concorrentes europeus, já de regresso, verberam unânimes a deplorável organização, queixando-se sobretudo das dificuldades que encontraram para poder treinar, pois todos

UM DOS AUTO-TRACTORES DA MISSÃO CITROËN



O BÓLIDO EM QUE CAMPBELL BATEU O «RECORD» DE VELOCIDADE



UMA PARTIDA NUM QUALQUER «CROSS» FRANCÊS

os recintos lhes eram vedados, ao contrário dos concorrentes americanos.

As corridas em patins falharam em absoluto, em virtude da forma de partida em linha imposta pelos organizadores. Nas provas de grande distância nenhum corredor queria tomar a cabeça, procurando evitar a luta contra o vento e reservando-se para as voltas finais. O escândalo atingiu tais limites que a prova de dez quilómetros foi anulada e repetida.

Os franceses, entrevistados à chegada a Paris, declararam que os americanos conseguiram unanimidade de oposição, senão contra eles pelo menos contra os seus processos, e aconselham que para Los Angeles sejam escolhidos delegados oficiais que tenham firmeza e decisão, conhecendo bem o inglês e sabendo defender os interesses dos seus atletas.

O aviso é precioso e talvez possa ser de alguma utilidade para os dirigentes portugueses, futuros enviados olímpicos.

* * *

Estes meses de inverno tiveram uma influência estranha sobre as piscinas parisienses. Enquanto Moli-tor se transformava em pista de gelo artificial para regalo dos amadores de patinagem, uma outra enveredava por caminho diferente e original.

O seu proprietário, à falta de naidas e tritões, resolveu povoar a sua água com autênticos peixes, convidando os pescadores a virem exercer a sua arte mediante o pagamento de uma taxa de entrada e o preço da pescaria que realizassem, na equivalência do custo corrente nos mercados.

Este organizador provou ser um hábil psicólogo, conhecendo a fundo a mentalidade do pescador e também a dos desportistas.



IRVING JAFFE TERMINA, EXTENUADO, OS 10.000 OLÍMPICOS

Parece à primeira vista que qualquer mortal preferiria comprar o seu peixe num burguesíssimo mercado, escolhendo-o a gosto e sem perda de tempo. Mas há que entrar em linha de conta com tudo o que nobilita o misticismo desportivo; quanto não vale a ansiedade emotiva da espera, a luta manhosa com o animal, a excitação da permanente incerteza?

O facto de comer qualquer peixinho, adquirido prosaicamente no mercado, não pode oferecer comparação com o prazer voluptuoso de saborear um alimôgo que resulta de uma paciente espera de algumas horas e tenha sido arrancado da água à custa de sapientes ardis.

* * *

O homem nunca está contente consigo próprio e vive no permanente anseio de transformar em realidade de hoje o impossível de ontem; isto em todos os campos.

A vitoriosa tentativa de Malcolm Campbell contra o *record* de velocidade em automóvel, de que era detentor, é mais uma cabal demonstração desta verdade. Sem que qualquer adversário ameaçasse o seu bem, voltou a Daytona guiar pela praia, em louca correria, o seu famoso bolido «Pássaro azul».

Força-nos à admiração a calma audácia deste homem que, sem competidor, não hesita em lançar-se de novo ao assalto de um *record* cuja conquista comporta os mais sérios riscos, como é fácil depreender se figurarmos que ele segura nas mãos uma poderosa máquina a fendendo o espaço à razão de 111 m. por segundo!

A tentativa foi levada a efeito em condições pouco favoráveis, pois soprava um forte vento, superior a 60 km. por hora; Campbell não quis, porém, protelar a prova, valendo-se do



A PARTIDA DUM DOS MAIS CONCORRIDOS «CROSS» NACIONAIS

estado favorável da areia e da excelente visibilidade.

No primeiro percurso a trajectória foi impecável; no regresso o automóvel aproximou-se perigosamente da água, passando-lhe a um escasso metro, mas o condutor conseguiu dominar a máquina desbocada trazendo-a a bom caminho.

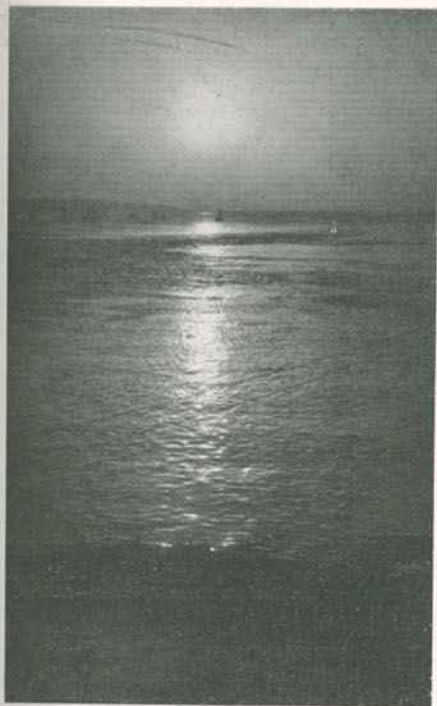
Para a distância de uma milha os tempos foram 13 s. 26/100 e 14 s. 175/1000.

O tempo médio representa uma velocidade de 408,30722 por hora.

Contra o que se poderia supor o campeão inglês declara-se desiludido pela sua proeza e promete recomeçar logo que o vento abrande.

O carro utilizado é o mesmo em que Campbell estabeleceu há um ano os 306 km. do anterior *record*.

Salazar Carreira.



068 — RIO DOURO — PÓRTO — (Foto do sr. José Rodrigues — Pórtio)

Concurso Fotográfico
entre Amadores
organizado pela
"ILUSTRAÇÃO"



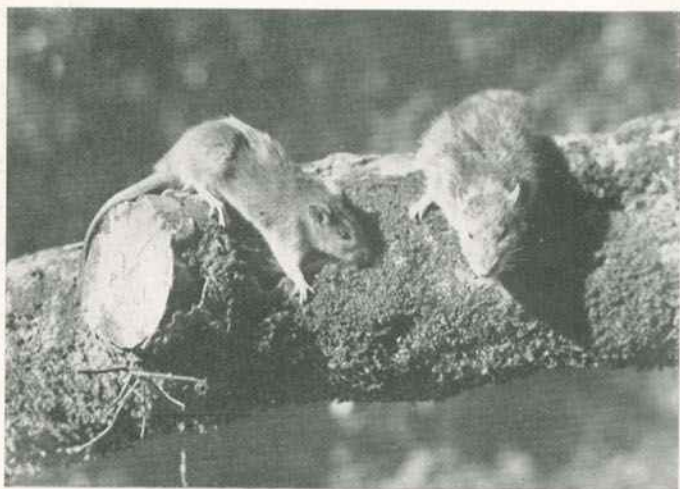
071 — NO ALTO DO PENEDO — (Foto do sr. António da Silva Salavisa — Castelo Branco)



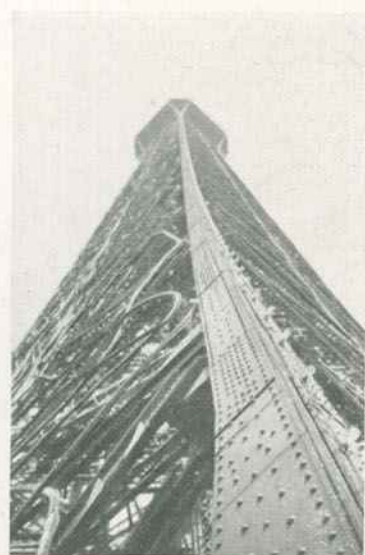
073 — SINTRA — S. PEDRO — (Foto do sr. A. Araújo Sousa — Lisboa)



069 — OCTOGENÁRIOS EM... PASSEIO — (Foto do sr. Raúl Lemos — Abrantes)



072 — DOIS INDESEJÁVEIS — (Foto do sr. António Rodrigues Ferreira — Caldas da Rainha)



074 — BARAFUNDA DE TERROS! (PARIS) — (Foto do sr. Abel Pereira da Silva — Lisboa)



070 — JARDIM ZOOLOGICO — LISBOA — (Foto do sr. A. Araújo Sousa — Lisboa)



075 — MAR BRAVO — NAZARÉ — (Foto do sr. Alvaro Laborinho — Nazaré)



076 — FUTUROS GIMNASTAS — (Foto do sr. José de Serpa Brandão — Lisboa)



079 — O JANTAR DOS BICHOS — (Foto do sr. Rafael Bastos — Porto)



081 — ESTUDO SOBRE FÉVIL — (Foto do sr. José de Serpa Brandão — Lisboa)



077 — À VELA — (Foto do sr. José Jorge — Lisboa)



080 — DOIS PALHAÇOS — (Foto do sr. António da Silva Salavisa — Castelo Branco)



082 — PESCADORES — (Foto do sr. Luís da Ressurreição e Silva — Setúbal)



078 — RÊDES AO SOL E PESCANÇO À RÊDE — (Foto do sr. Álvaro Laborinho — Nazaré)



083 — PÔR DO SOL NA NAZARÉ — (Foto do sr. Álvaro Laborinho — Nazaré)

AS BASES DO CONCURSO

Para se concorrer ao Concurso Fotográfico entre Amadores que a Ilustração vem organizando, basta enviar à nossa redacção provas fotográficas que, pela sua perfeição, sejam dignas de reprodução. É indispensável que essas fotografias nunca tenham sido publicadas e não sejam de tamanho inferior a 6x9 nem superior a 18x24.

As provas, mesmo não publicadas, não se devolvem.

A Ilustração dedica, não só 3 prémios de originalidade e perfeição, como 14 prémios de «sortes», que serão sorteados pela lotaria de Santo António.

Um "Cine-Kodak" no valor de 1.720\$000, oferta da reputada Casa Kodak

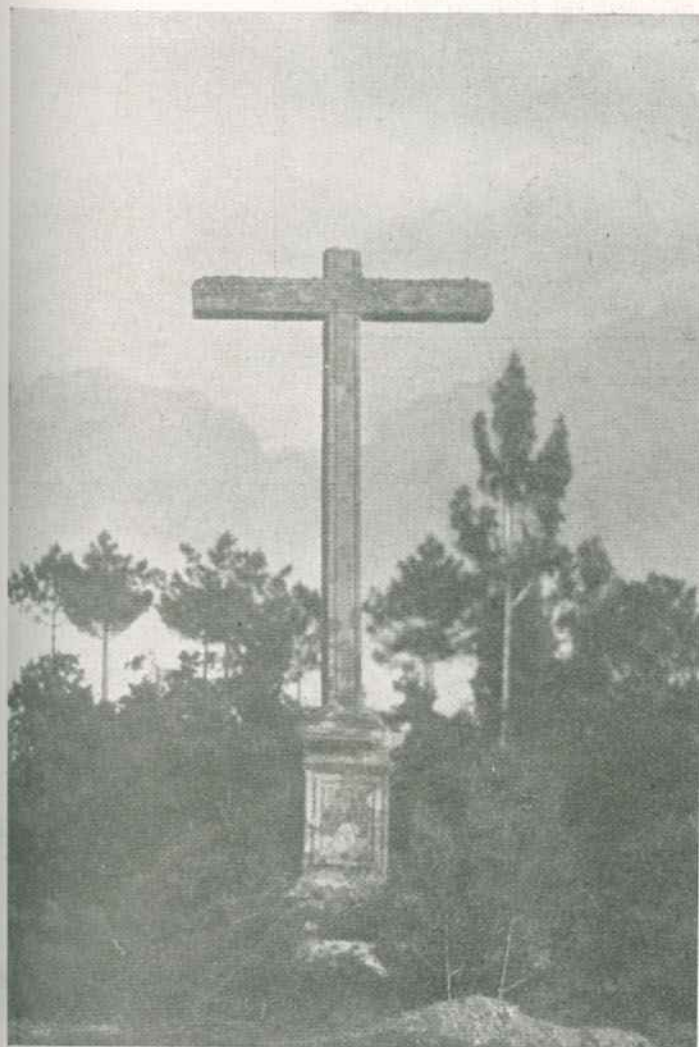
Um prémio de 1.000\$00 em dinheiro, oferta da "Ilustração"



084 — CRIANÇAS NA PRAIÁ DA ILHA DE PÓRTO SANTO — (Foto do sr. José Leite Monteiro — Funchal)



086 — SOCIEDADE E RUÍNAS — (Foto do sr. A. B. P. — Ponta)l



085 — VILA NOVA DE FÁMALCÃO — (Foto do sr. Manuel A. Leal — Lisboa)



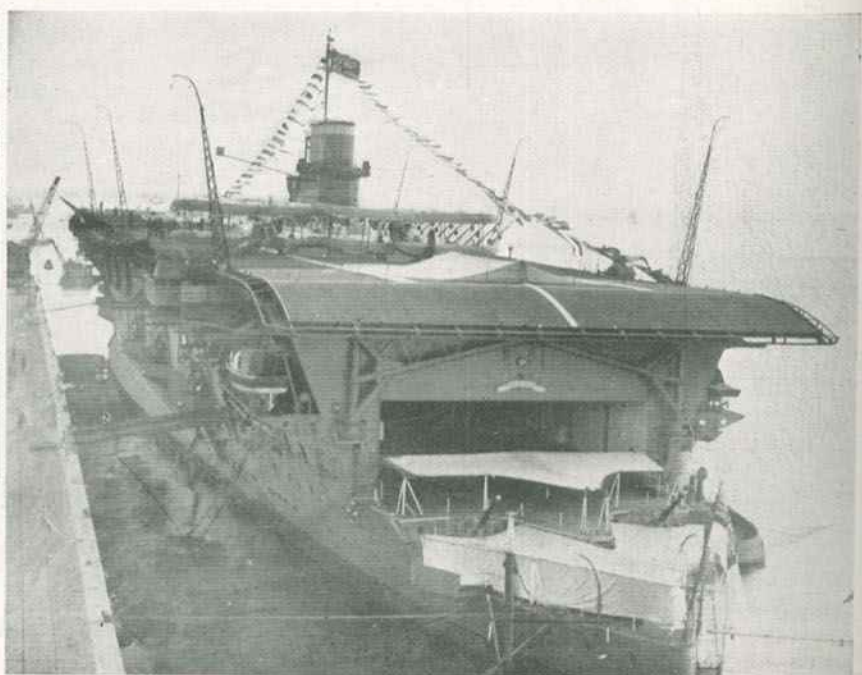
087 — TRAUQUINICES DE CRIANÇAS — (Foto da sr.ª D. Maria Rosalina Moreira — Lisboa)

A C T U A L I D A D E S



O CHEFE DO ESTADO E O PRESIDENTE DO GOVERNO VISITANDO, NA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES, A EXPOSIÇÃO DE PINTURA DO GRUPO SILVA PÓRTO. NESTA EXPOSIÇÃO, QUE JÁ ENFERMOU E QUE FOI EXTRAORDINARIAMENTE CONCORRIDA, DESTACARAM-SE, ENTRE OUTROS TRABALHOS MAGNÍFICOS, OS NOTÁVEIS QUADROS DO MESTRE CARLOS REIS

A BORDO DO «SATURNIA» VIERAM, CONSIGNADAS AO BANCO DE PORTUGAL, QUATRO TONELADAS DE ORO EM BARRAS, NO VALOR TOTAL DE DOIS MILHÕES E MEIO DE DOLLARS. A GRAVURA DA ESQUERDA REPRESENTA EM ASPECTO DA DESCARGA DO ORO NO PORTO DE LISBOA E A DA DIREITA ALGUNS DOS 53 BARRIS QUE CONTINHAM A PRECIOSA CARGA, QUE EMBARCOU NO PORTO DE NOVA YORK, TENDO FEITO A VIAGEM EM SETE DIAS. LUGO APÓS A HEGEMIA DO «SATURNIA», INGRESSARAM A BORDO AS PERSONALIDADES QUE IAM RECEBER O ORO: OS SRS. FRANCISCO MEIRA, DIRECTOR DO BANCO DE PORTUGAL; MARIO LUPI, DESOUREIRO, E ERNESTO REIS E RAÚL CORTO, AJUDANTES, O DESPACHANTE OFFICIAL DO BANCO, SR. PINHEIRO E AINDA O SR. DR. FRANCISCO SILVEIRA, DIRECTOR DA FILIAL, NO PORTO, DO BANCO DE PORTUGAL. DEPOIS DOS CONTHEIMENTOS PASSAREM AS MÃOS DO DESPACHANTE OFFICIAL E DE CUMPRIDAS AS FORMALIDADES LEGAIS, FEZ-SE A DESCARGA, TRABALHO QUE DUROU APENAS MEIA HORA



DURANTE ALGUNS DIAS ESTIVERAM NO TETO DOIS «DESTROYERS» E UM PORTA-AVIÕES DA MARINHA DE GUERRA INGLESA. ENTROU A MUITOS MILHARES O NÚMERO DE PESSOAS QUE ESTIVERAM NO CASO DO POSTO MARÍTIMO DE DESINFECÇÃO ADMIRANTO, PRINCIPALMENTE, O GIGANTESCO BARCO QUE TRANSPORTA UM GRUPO DE ESQUADRIHAS DE AVIÕES. NAS NOSSAS GRAVURAS VÊ-SE O PORTA-AVIÕES ATRACADO À DOCA DE ALCANTARA E O PRESIDENTE DA REPÚBLICA E MINISTRO DA MARINHA SAÍNDOS DO BORDO, DEPOIS DA VISITA MINUCIOSA QUE FIZERAM AO BARCO

FATALIDADE, filme de Sternberg, interpretado por Marlene Dietrich, foi a estreia mais notável das duas semanas que acabam de decorrer. Embora baseado numa história banal, tem a atenuar a vulgaridade do seu argumento uma superior realização e uma interpretação magnífica.

Exibido quasi simultaneamente com *Inspiração*, versão cinematográfica de *Sapho*, de Daudet, que Greta Garbo interpretou, foi por este facto possível estabelecer, mais uma vez, confronto entre as duas tão discutidas artistas.

Se atendermos apenas à decisão do público, o resultado não foi favorável a Greta Garbo. *Fatalidade*, ou se preferem, *X 27*, constituiu um êxito, ao passo que *Inspiração* obteve um acolhimento medíocre. Mas há que atender nisto a um conjunto de factores a que são estranhas as faculdades de interpretação de ambas as artistas. O que ficou provado foi apenas que Marlene aumenta, de filme para filme, o número dos seus admiradores, conquistando-os mesmo entre aqueles que acusava duma imitação servil de Greta. A sua interpretação em *X 27* é das melhores que lhe conhecemos, e justifica inteiramente a admiração que lhe vem sendo tributada.

Inspiração, que Clarence Brown realizou com correcção mas sem brilho, é, de resto, um filme de reduzido interesse, em que Greta Garbo poucas ocasiões tem de exhibir os seus incontestáveis méritos. Também os actores que a secundaram se ressentem deste facto. É assim que vemos Robert Montgomery interpretando o seu papel de modo pouco satisfatório, e o próprio Lewis Stone dando-nos uma criação que está muito abaixo do que dele é lícito esperar.

Fatalidade, por seu turno, também tem defeitos. A história dessa mulher, a quem o serviço secreto da Áustria confia diversas missões, que delas se desempenha habilmente e que vive com indiferença as terríveis vicissitudes da sua perigosa existência, prende, numa ou noutra passagem, o interesse do espectador, emociona-o mesmo, deixando-o suspenso de angústia entre duas sequências. Mas está longe, como obra de fantasia, de *Espíões*, e como obra dramática, de outros filmes que versaram tema semelhante como, por exemplo, *Marc Nostrum*, de Rex Ingram.

O que faz de *Fatalidade* uma obra digna de especial atenção é a realização de Sternberg. O vigoroso encenador de *Vidas tenebrosas* impõe a todas as suas obras a marca



Cinema

Revista das Estreias

forte da sua curiosa personalidade, transmite-lhes sempre o seu estilo—esse estilo inconfundível que se afirmou, para nós, já bem definido, em *Vidas tenebrosas*, que atingiu o seu máximo poder de expressão em *Docas de Nova York*, e que, aplicado ao sonoro, nos deu já *Anjo azul* e *Marrocos*, duas obras extraordinárias que consagram a sua adaptação ao fonocinema.

Não é fácil definir, precisamente, em que consiste este estilo, que se transmite de obra em obra, marcando a acção do artista. Como não é fácil, de resto, definir o estilo de nenhum artista, produto complexo da sua cultura, da sua sensibilidade e das suas concepções do real. Mas as características que marcam a sua continuidade podem, talvez, definir-se assim: um vigor rude que domina sem irritar, uma certa nebulosidade que envolve os personagens e a acção, uma fatalidade imaneente determinada por um passado desconhecido e condicionando um futuro indeciso. E, dominando tudo, uma sensualidade violenta, que se traduz numa predilecção pelos temas violentos da paixão e da

morte. Sensualidade sombria e cruel, que só se compreende bem através das suas intérpretes, e que é possível evocar recordando o nome das suas *estrelas* favoritas—Evelyn Brent, Olga Baclanova, Marlene Dietrich...

Está longe de ser isenta de defeitos a realização que Sternberg imprimiu a esta obra. Um há que lhe poderíamos apontar e que constitui erro grave, em que espanta ver incorrer um artista como Sternberg. Referimo-nos a todas as passagens que precedem o fusilamento. Artista hábil, conhecedor como poucos, do valor artístico da sugestão em oposição à representação plana dos factos, Sternberg poderia ter-nos poupado o espectáculo lamentável com que quis fechar o seu filme. Todos os pormenores que precedem a morte da espia, estão bem longamente calculados, tendem todos para o fim único de criar no espectador uma emoção violenta de horror. É nisto que consiste, afinal, o erro artístico, para o qual não encontramos explicação. Essa sensação de horror cria no espectador um estado de emoção especial que, de modo nenhum, concorre para aumentar a intensidade dramática da obra. Uma das imagens finais, aquela em que a espia se abate ante as balas do pelotão, deveria mesmo ser suprimida. Tal como está, serve apenas para provocar uma acentuada sensação de desgosto, que não tem qualquer finalidade artística.

Ronny, uma amável opereta muito bem interpretada por Kate von Nagy e Marc Dantzer, reeditou no S. Luís a excelente tradição dos espectáculos fantasistas, com boa música e espírito. Reinhold Schunzel deu-nos uma agradável realização, recheando o filme de episódios humorísticos e optimistas.

Animado duma fantasia ilimitada, este filme é o pretexto para a exibição de alguns bailados curiosos, duma encenação espectacular e, sobretudo, de valiosas cenas de comédia.

A interpretação é, dum modo geral, muito boa. Sobretudo da parte de Kate von Nagy, que enche todo o filme com a sua frescura e graciosidade.

No papel de príncipe teria sido preferível admirar Willy Fritsch, que interpretou a versão alemã e cujas comprovadas qualidades nos fazem prever uma excelente criação.

Contudo, Marc Dantzer deu do seu papel, nesta versão francesa, um desempenho satisfatório.

Manuel L. Rodrigues

PUBLICOU o sr. dr. Gustavo Cordeiro Ramos, actual ministro da Instrução, um decreto que visa a desenvolver a função educativa do cinema, favorecendo a produção nacional. Afigura-se-nos, inteiramente, digna de aplauso esta atitude de interesse por tão importante assunto.

Algumas observações nos sugere, porém, a leitura desse diploma. Fazendo embora justiça à boa-vontade do sr. dr. Gustavo Cordeiro Ramos, não podemos deixar de reconhecer que o esboço de orientação apresentado no decreto não corresponde, exactamente, ao que melhor convém aos interesses da produção nacional e sua difusão como instrumento educativo.

Em primeiro lugar, omitiu-se o problema fundamental da produção portuguesa—o estúdio. Não é possível, nas condições actuais, realizar em Portugal um único filme educativo. E isto simplesmente porque não existe a necessária aparelhagem. Nas condições actuais da indústria só poderemos tomar em consideração o filme sonoro. E esse não pode, em caso algum, ser produzido em Portugal enquanto o problema técnico que lhe comporta não se encontrar resolvido.

Além disso a ideia de substituir o espectáculo frívolo das multidões por um cinema de junção educativa, tem numerosas probabilidades de falhar, em face duma resistência do público. Será talvez mais de aconselhar, como início desta reforma, a aplicação intensiva do cinema ao ensino escolar, tornando-o extensivo a todos os seus graus e apetrechando para esse fim as escolas de todo o país.

Por outro lado, a obrigatoriedade da exibição, longe de ser favorável à produção nacional, só lhe pode ser nefasta. O exemplo dos tradicionais cem metros obrigados por lei é concludente. Colocados de princípio na abertura ou no fecho dos programas, notou-se bem depressa que o público entrava mais tarde ou saía mais cedo. Procurou-se remediar o facto, impondo a sua exibição a meio do programa. Não se pôde evitar que o público bocejasse e oíhasse desatento o écran onde desfilavam, monótonamente, imagens sem beleza.

A exibição obrigatória concorrerá, sem dúvida, como no caso dos cem metros, para um lamentável divórcio entre o público e o realizador. O primeiro indiferente aos esforços do segundo, e este por sua vez certo de que nem, por ser de qualidade inferior, o seu filme deixará de ser exibido.

Depois, a relação que se pretende estabelecer entre produção nacional e cinema educativo não oferece vantagens para nenhum. Com ela nada ganha a indústria nacional que terá que viver como indústria de espectáculo, onde o elemento educativo é forçosamente secundário. Nem tão pouco o cinema educativo

CINEMA

NOTA DA QUINZENA

Cinema educativo

que só raramente pode constituir espectáculo e não deve perder nunca o carácter internacional, que permite a um povo, especialmente no campo das ciências positivas, aproveitar o labor de todos os outros.

Mais aconselhável se nos afigura, portanto, uma larga aplicação do cinema como instrumento didáctico nas escolas, juntamente com medidas de protecção que sempre preconizámos para a indústria portuguesa—indústria que para ter vida real tem de corresponder às exigências do público que procura um divertimento.—M. R.

■ ■

Clark Gable, que o nosso público vai em

admiração de mulheres dos dois hemisférios.

Clark Gable é o tipo perfeito do homem profundamente másculo e arrogante, cónscio da sua força e da superioridade do seu sexo. Robusto, de ombros largos e pulsos vigorosos, as suas mãos enormes acariciam quasi com violência. É um homem, à boa maneira antiga. O seu amor tem qualquer coisa de protecção e domínio a que as mulheres submetem, gostosamente, a sua fragilidade.

É talvez isto a razão do seu êxito. Ao mesmo tempo que proclama a sua emancipação e a igualdade dos sexos, a mulher americana não aspira afinal senão a abandonar-se entre dois braços robustos que lhe façam sentir bem o encanto da sua fraqueza.

■ ■

A revista francesa de cinematografia, *Pour Vous*, encetou no seu último número um inquérito sobre os grandes esquecidos do cinema, em que procura recordar e informar os seus leitores sobre os que alguma vez foram célebres no écran e hoje dele se encontram afastados.

A primeira artista dessa série de «estrelas» de outros tempos foi Nathalia Lissenko. A grande artista russa que brilhou em tantos filmes célebres ao lado de Ivan Mosjoukine, ao tempo seu marido, vive hoje nos arredores de Paris uma existência modesta e obscura.

A intérprete magnífica de *Kean* adoeceu, gravemente, após ter terminado *Leão da Mongólia*. Um reumático pertinaz impediu-a durante longo tempo de trabalhar. Entretanto o público esqueceu-a. Quando mais tarde a doença cruel lhe deu algum descanso ninguém se recordava dela. L'Herbier quis há pouco tempo dar-lhe um pequeno papel em *Nuits de princes*. Mas o cinema agora falava, e o seu acento gutural de eslava impossibilitou-a de ir mais longe. Ultimamente, tem trabalhado como figurante.

A sua vida é, por certo, uma das mais animadas do seu tempo. Antes da guerra, Mosjoukine e ela eram considerados os maiores actores do teatro russo. Eram recebidos pela aristocracia dos tsares. Nathalia conheceu, como artista, a maior glória e celebridade.

Hoje vive, como dissémos, uma existência humilde perto de Paris, na triste contemplação do esplendor passado.

A esperança já deve ter abandonado a sua existência, em que o futuro se apresenta sombrio. A glória foi para ela a luz cruel que, à semelhança da que atrai a borboleta, lhe queimou asas e ilusões.

É essa quasi sempre a sorte dos que vivem para o divertimento da humanidade.



O CÉLEBRE «PETE» DA «PANDILHA», O CÃO MAIS FOTOGRAFADO DO MUNDO

breve apreciar no filme *Susan Lenox* contracenando com Greta Garbo, é hoje o artista masculino de maior popularidade na América. O seu êxito só pode mesmo ser comparado ao de Valentino ou Ramon Novarro. Provam-no quinzentas cartas que todos os dias o correio lhe leva, dizendo da ardente

O desenvolvimento e prosperidade que a indústria cinematográfica atingiu em França nos últimos anos, oferece um curioso contraste com a manifesta decadência que ela acusa no resto do mundo.

Assim, ao passo que os produtores norte-americanos se vêm forçados a reduzir a sua actividade, que as «estrélas» de Hollywood experimentam fortes diminuições nos seus ordenados e que, dum modo geral, a indústria yankee perde dia a dia o seu poder de penetração nos mercados estrangeiros — a produção francesa cresce em progressão constante, e o seu nível artístico eleva-se de forma sensível.

Há estreita relação entre este facto e a magnífica situação financeira da França. Mas há também um inteligente aproveitamento de circunstâncias propícias e uma compreensão lúcida do problema que para qualquer país representa hoje a sua produção cinematográfica.

Foi isto, representado praticamente por uma organização racional da indústria, que determinou o facto, até agora inédito, de terem os artistas e realizadores franceses trabalhado, relativamente, mais do que os seus colegas americanos, durante o ano passado.

Esta organização da indústria marcou o seu início com a constituição de algumas empresas estáveis, e com a aplicação de métodos racionais de trabalho em que se procurou adoptar os sistemas americanos naquilo que eles têm de prático, deixando, simultaneamente, subsistir as características fundamentais da cinematografia europeia.

Como é natural, nem sempre estes resultados foram atingidos. Mas dum certo modo o que se conseguiu é notável e representa uma lição que merece ser aproveitada.

Assim, por exemplo, criaram-se pela primeira vez «estrélas» europeias. E quando dizemos criaram-se, queremos significar que se empregou para fixar o seu nome ante o público uma propaganda intensiva, dum género um tanto semelhante ao que há muitos anos os produtores americanos usam com pleno êxito. E mais do que isso — deram-se-lhes contratos a longo prazo. Albert Prejean é um desses «astros». A «Sociedade Osso», para a qual realizou já vários filmes, contratou-o por cinco anos, facto inédito na cinematografia europeia. Muito embora discordemos do sistema artificioso de «estrélas», devemos reconhecer que êle se

CINEMA

UM EXEMPLO A SEGUIR

A INDUSTRIA FRANCESA

impunha a fim de, aos nomes famosos de além-Atlântico, podermos opôr outros igualmente conhecidos e estimados do público. Era justamente isto o que estava por fazer. Lillian Harvey e outras artistas europeias

leição notável. A par disto, o valor artístico dos filmes produzidos, — conquanto oscilando fortemente entre o teatro filmado, sem acção e sem novidade, e algumas tentativas dignas de menção — accusou, como já tivemos ocasião de afirmar, uma certa melhoria. Assim, muito embora tenham sido apresentados filmes destituídos de qualquer qualidade cinegráfrica como *L'Aiglon*, outros como *Sob os telhados de Paris* marcaram uma época na evolução do sonoro e influenciaram fortemente grande número de obras posteriores.

Não é, portanto, de admirar que numerosos filmes franceses tenham transposto as fronteiras do seu país com inteiro êxito. Entre

nós é já grande o número dêles que obtêm lisonjeiro sucesso. Recordem-se, entre outros, *Prémio de Beleza*, *Amores da Meia Noite*, *O Milhão*, *Sob os telhados de Paris*, etc.

Resta agora à França procurar fazer a utilização total dos seus recursos. Especialmente dos seus realizadores e artistas, alguns dos quais a América lhe arrebatou em tempos de fortuna diversa e que agora lhe vai decerto restituir.

Jacques Feyder é um dêles. Novamente a trabalhar na sua pátria, estamos certos de que voltaria a encontrar a sua forma irónica e delicada de que nos deu tão saborosa medida em *Os Novos Senhores*.

Epstein, artista mágico da câmara cinematográfica, que sabe utilizar os seus recursos até ao esgotamento, é também um valor que seria imperdoável esquecer.

Abel Gance, o poeta grandiloquente de *Napoleão*, o animador de *Fim do Mundo*, é outro artista de raras qualidades, que só carecem de orientação e aproveitamento. As suas qualidades como encenador de multidões, a sua compreensão admirável do ritmo, revelada em *A Roda*, podem fazer dêle um dos mais poderosos realizadores franceses. Bastar-lhe-ia,

para tal, suprimir das suas obras um certo lirismo pueril, já bastante sensível em *Napoleão*, e muito mais ainda, segundo diz a crítica estrangeira, em *O Fim do Mundo*.

De entre os artistas franceses de primeira categoria, apenas um encontrou a sua completa aplicação. Foi René Clair. O seu filme *Sob os telhados de Paris* constituiu, como já tivemos ocasião de dizer, uma inovação, e os que se lhe seguiram, *O Milhão* e *A nous la liberté*, confirmam brilhantemente as suas excepcionais qualidades de artista.



KATHRYN CRAWFORD AFRONTA UM AGUACEIRO DA CALIFÓRNIA, COM UM SORRISO CONFIAO

conhecidas e estimadas do público não tiveram nunca ao seu serviço uma propaganda inteligente. O lugar que ocupam, conquistaram-no apenas pelo seu talento. Muito maior seria, portanto, o valor comercial do seu nome se essa propaganda tivesse existido. E se o que se fez, neste sentido, não é muito, representa, pelo menos, um passo acertado que só é preciso tornar mais decidido e forte.

Muitos outros factores, ainda, influíram no considerável desenvolvimento do cinema francês. As qualidades técnicas da sua produção afirmaram-se e atingiram um grau de per-



à pesca

O meu amigo Lopes, muito entendido em tática militar e em planos estratégicos, espírito guerreiro que, sem sair da sua casa da Rua 4 de Infantaria, fez a Grande Guerra, dirigindo a evolução de milhares de feijões e de favas secas sobre um enorme mapa que lhe cobria toda a mesa da casa de jantar, quis também agora tomar parte na luta travada no Extremo Oriente entre chineses e nipónicos.

Fui encontrá-lo, há três dias, dobrado sobre um plano da China, manobrando vários exércitos de feijões amarelos e de ervilhas secas, com um entusiasmo só comparável ao dos antigos guerreiros da idade média.

— Ora ainda bem que vieste, disse o Lopes ao ver-me assomar à porta, temos grandes novidades nas duas frentes. Devido ao desembarque, que ontem consegui fazer, de vinte mil ervilhas secas, os trezentos e cinquenta mil feijões amarelos acabam de recuar em toda a linha depois de terem sofrido uma grande derrota. E tu sabes porque foi que os feijões amarelos perderam a batalha?

— Eu começo por não saber quem são os feijões amarelos.

— São os chineses, menino, são os chineses, e as ervilhas secas os japoneses.

— Mas tu também ali tens sobre o mapa lentilhas, grão, favas torradas, pevides...

— Aquilo é a Concessão Internacional. Já ontem me ia dando um grande desgosto.

— Porquê?

— Porque uma granada dos feijões amarelos caiu em cima dos grãos de bico. Compreendes que uma coisa destas até podia dar uma guerra universal. Feliz-

mente que o mi estrelinhas conseguiu o conflito.

— O milho?!

— Sim, o milho e a mesmo a ver. O milho América, e a massa a

— Pelo visto, as coisas para os japoneses, dizer alguma coisa.

— Como te ia a agos nipónicos saíram batalha devido errada do exército

— E como foi isso?

— Muito simples generalíssimo Tem-Temiu, há poucos dias, 16.º exército, que se Xá-Tan-Go e Xá-Bi, desenvolver uma ofensiva toda a frente. Para plano, Tem-Te-Nan-reunir o seu enorme deu a seguinte voz «Fum-Fum-Tchim!». Os generais repetiram: «Fum-Fum-sua vez os comandantes batalhões brada «Fum-Tchim!», avançou como mem. Não sei que quer dizer «Fum-Fum-Tchim?»

— Não sei.

— Quere dizer:

Para a frente é que é o caminho. Ora mais adiante o generalíssimo parou e deu outra voz: «Cáfum-Tchim!», e os generais repetiram: «Cáfum-Tchim!», por sua vez os comandantes dos batalhões bradaram: «Cáfum-Tchim!», e o exército iniciou um movimento envolvente que era, nem mais nem menos, do que o prólogo da derrota japonesa. Mas, — nas guerras é preciso contar sempre os mas, — a meio do movimento envolvente, o generalíssimo Tem-Te-Nan-Kais, que estava muito constipado, sentiu um formigueiro no nariz e deu um formidável (Atchim!).

«Ha-Tchim», repetiram os generais, e os comandantes dos batalhões bradaram: «Ha-Tchim!». Então todo o exército chinês voltando as costas ao inimigo fugiu em debandada. Os japoneses tinham ganho a batalha.

lho e a massa de guiraram soluçio-

A massa?... Está-se representa a França.

sas correm bem disse eu para dizer alguma coisa. contar, os amivitoriosos da última uma manobra chinês.

mente. O generalíssimo assumo o comando do encontrava entre com ordem para siva geral em executar o seu Kais mandou simo exército, e de comando: Os generais repetiram: «Fum-Fum-Tchim!», por dantes dos ram: «Fum-e o exército um só ho-se sabes o «Fum-Fum-



— Mas porque fugiram os filhos do Celeste Império?

— Porque «Ha-Tchim» em chinês, quer dizer: «Salve-se quem puder!»

Despedi-me do Lopes e já vinha a meio da escada quando ele me gritou lá de cima:

— Tem paciência, passa ali pela mercearia e diz que me mandem meio litro de feijão branco.

— Temos outra batalha?

— Não, menino, é que estou vendo que tenho que reunir com urgência a Sociedade das Nações.

Final de uma carta recebida de Paris: «Aqui tem feito ultimamente um frio horrível. Escrevo esta com as mãos nas algibeiras».

Diz o cego:

— Eu faço que não vejo.

E o maneta:

— Isto é de uma pessoa levantar as mãos ao céu.

E o côxo:

— Vou num pé e venho no outro.

E o surdo:

— Faço ouvidos de mercador.

E o mudo:

— Ah!... que se eu quisesse falar...

— Digo-lhe e repito. O homem que pela palavra não se faz entender é um idiota. Compreendeu?

— Não, senhor.

— É como está o Eduardo?

— Já acabou de sofrer.

— Mas quem morreu, foi ele ou a mulher?

No restaurante:

O freguês — Este vinho não é da Viúva Gomes.

O criado — Talvez V. Ex.^a tenha razão; não posso garantir que ela não tenha voltado a casar.

A mulher portuguesa leve, em todos os tempos, a fidalga arte de receber em sua casa. Nas antigas casas de Portugal, a hospitalidade foi sempre tradicional, e, quando numa casa se dava uma festa, a senhora da casa, que muitas vezes na rua e em público era tímida, tomava com magestade e gentileza a direcção da recepção, e como em parte nenhuma do mundo, a senhora portuguesa sabia imprimir à sua maneira de receber um cunho de cordialidade e franqueza que eram verdadeiramente encantadoras, não só pelas suas maneiras, como pela abundância e excelência das iguarias, que os seus menús representavam.

Mas veio esta crise mundial, o modernismo, mal entendido, invadiu-nos e este Carnaval deu-nos um triste espectáculo, com os seus assaltos, a tanto por cabeça, assaltos em que a dona da casa não recebia, porque não conhecia os convidados, e os convidados, na horrível má-educação que nos está invadindo, se conduziam com uma falta de civilização que conflagra. Em Lisboa, houve este ano um baile magnífico e alguns bons bailes em legações e casas particulares, que não foram ainda invadidas pela incorrecção. De resto, nos numerosos assaltos que houve, foi para lamentar que a senhora portuguesa, que antes tanto prezava o recato do seu lar, se prestasse a tornar a sua casa num lugar público, a entrada paga, a um tanto por cabeça, deixando invadir por desconhecidos a sua intimidade e pôndo em contacto, com as suas filhas, pessoas de que desconheciam a moralidade.

Está bem que, numa época em que todos gostam de se divertir, e sendo hoje necessário ter fortuna para dar uma festa, um certo número de famílias conhecidas se reúnem e numa casa se juntam, quotizando-se, para se divertirem, sem que esse divertimento se torne um encargo para o orçamento familiar, agora tão sobrecarregado. Mas não foi só isso que se fez, foram bailes públicos em casas particulares, dando uma triste impressão da desorganização da sociedade portuguesa e, ao mesmo tempo, da pobreza do meio, que não tem um dancing, como há no estrangeiro, onde a juventude que se quer divertir vai dançar, frequentáveis por senhoras e onde quem vai sabe já que é um lugar público, onde encontrará pessoas de todo o género de educação. Mas o que se passou em Lisboa este Carnaval foi cómico, com os seus particulares, de um ridículo que faria rir se não causasse tristeza.

É preciso que a mulher portuguesa mantenha a elegância e a correcção dentro do seu lar e continue a saber ser a fidalga dona de sua casa, acolhedora para os seus amigos, mas zelando a intimidade do seu lar como a de um verdadeiro santuário. **Maria de Eça.**



Vida Feminina

A moda

COM o mais carrancudo e chuvoso mês de Março, apareceram as modas de primavera, anunciando, como as andorinhas, a proximidade do bom tempo, e ainda que, como elas muitas vezes fazem, venham com o mau tempo, já nos alegram e dão esperanças, da volta em breve, dos belos dias. Damos hoje dois lindos modelos de primavera. Um, é um vestido em pano branco, com capa, com uma barra em vermelho e chapéu de feltro vermelho, enfeitado a fita de grosgrain. Esta toilette, ideada por Yvonne Carette, é um mimo de frescura.

O outro modelo é um gracioso vestido de jersey branco, com blusa azul e chapéu-boina. No mesmo azul, esta primavera é linda toilette é signée Rose Descat. A graça e a frescura destas toilettes pedem manhãs primaverais para se exibirem em todo o seu esplendor, sobretudo quando usadas por lindas raparigas, como o são as da nossa gravura.

Mas esperemos que em breve o bom tempo

nos visitará e será chegada a ocasião de fazer brilhar estas lindas toilettes.

Associação estranha

POR este tempo de frio e de constipações, é curioso lembrar uma notícia do jornal *La Presse Médicale*, que conta de uma curiosa associação que se instituiu em Siracusa, no Estado de Nova York, para espalhar no público o conceito de profilaxia da constipação. Entre as normas que podem causar a expulsão, está, para os sócios, a proibição completa de tossir sem proteger a bôca, a recomendação de evitar os lugares onde se reúnem muita gente. A recomendação de cuidar das condições higiénicas do lenço; a obrigação, para todos, de lavar bem as mãos antes das refeições. Os membros dessa sociedade têm três categorias distintas: membros titulares, os que conseguem não se constipar durante todo o ano; membros tirocinantes, os que se constipam só uma vez; membros desgraçados, os que se constipam mais de uma vez.

O jornal não diz quantos são os membros titulares da «Liga das Constipações», mas devem ser poucos, e a maior parte da humanidade deve estar na categoria dos membros desgraçados.

De mulher para mulher

Noiva feliz—O vestido deve ser em setim branco, muito flexível, muito bem cortado e da máxima simplicidade. O véu muito farto e em tule liso muito leve. A flor de laranjeira está um pouco fora de moda. Há quem a substitua por rosas brancas, mas é mais elegante é o toucado russo em pérolas. Os sapatos em setim branco. Sim, deve levar um ramo todo branco armado de forma que caia em cascata.

Vaidosa—Fica-lhe elegantíssimo em veludo castanho com a gola em pele. O chapéu pequenino, em palha e feltro, guarnecido a flores de veludo beije e castanho.

Maria Júlia—Em renda e «georgettes» cor de rosa faz uma «toilette» de noite, maravilhosa para os seus lindos dezoito anos.

Curiosa—Já se não usa o cabelo tão curto, e se é loira, use coracois, o penteado favorito das parisienses este ano. Os chapéus continuam a usar-se pequenos.

Chapeus

ESTÁ lançada a moda da primavera, e nela encontramos graciosíssimos modelos. Quasi todos os chapéus são pequenos, mas, graciosamente colocados sobre artísticos penteados, que, enchendo de caracois as lindas cabeças, nos descansam dos penteados masculinos de há alguns annos. Os modelos que damos hoje são encantadores. Um deles, uma toque em fita grosgrain, é acabada por um



gracioso vênuzinho de um levíssimo tule, e o penteado com êle usado completa-o perfeitamente. O outro modelo é uma graciosa fórmula em palha preta com um atrevido bico sobre um ôlho, e que também se harmoniza completamente com o penteado com que é usado. O terceiro, é também em palha preta, guarnecido com uma asa branca e levantado atrás, sobre

um lindo rôlo de cabelo, o penteado mais em favor actualmente nos centros de grande elegância. É para notar, como os penteados se harmonizam com os chapéus, sendo um complemento à sua graciosidade.

A casa

O embelezamento da casa e a maneira de pôr a mesa, interessam tôda a mulher que sabe fazer do seu lar um poema de graça. Na mesa que apresentamos às nossas leitoras, a toalha é substituída por graciosos *naperons* bordados, que formam um lindo conjunto, com o *naperon* do centro da mesa e os pequeninos *naperons* em que assentam os copos. A mesa fica, assim, mais graciosa e bonita, e muita bem guarnecida com os lindos bordados dos *naperons*. É para notar, nesta casa de jantar, a graciosidade das cortinas e o lindo estôdo das cadeiras, que alegam a casa, dando-lhe um aspecto confortável, que convida a demorar à mesa. Numa casa de jantar não há só a atender à beleza dos móveis; é necessário que haja conforto, além da elegância, para que à hora em que reparamos as forças, alimentando-nos, estejamos com o máximo bem-estar.

Receitas de cozinha

Pãesinhos para chá—Meio quilo de farinha de trigo, duas colheres de fermento inglês (marca Flomfound), uma boa colher de manteiga, duas colheres de açúcar e um pouco de leite.

Junta-se a farinha com o fermento, deita-se o açúcar e a manteiga, e o leite, a pouco e pouco, e amassa-se tudo muito bem. Depois de feita a massa, formam-se os pãesinhos, envolvendo-se num pouco de farinha, esperam um pouco e, depois, vão ao forno bem quente num taboleiro untado de manteiga. Quando estão cozidos, abrem-se ao meio com uma faca bem afiada, põe-se-lhe um pouco de manteiga e tornam-se a fechar, para que, com o calor, tornem a unir. Ficam muito graciosos servidos num cestinho com um laço na asa e envolvidos num *naperon* bordado, deixando fora os quatro cantos. São de um belo efeito e gostosíssimos, dando ao chá uma interessante nota de conforto e intimidade.

Higiene e Beleza

UMA das coisas mais feias é uma pele gordorenta, que minutos depois da *toilette* feita já está reluzente como um espelho. Não há beleza que a isto resista, e é preciso estar sempre a pôr pós de arroz, o que acaba por se tornar ridículo. Estas peles devem ser lu-

vadas com água quente, adicionando-lhe, por cada litro, 5 a 10 gramas de borato ou de bicarbonato de soda; e, com um bom sabonete medicinal, que dissolva as matérias gordas e feche os poros. Pode esfregar-se a cara com um algodão embebido em álcool puro. Crêmes, pomadas e vaselinas, devem ser postas de parte e substituídas por loções adstringentes, como a seguinte: borato de soda, 4 gramas; éter sulfúrico, 10 gramas; água de rosas, 25 gramas; água destilada, 125 gramas. Depois de aplicada a loção com um algodão e esfregando para a introduzir na pele, empoar-se com o seguinte pó: óxido de zinco, 20 gramas; zaleo, 20 gramas; pó de arroz, duas gramas; extracto de violetas, duas gramas. Em seguida pode arranjar-se a cara, fazendo a *maquillage* do costume.

Antiquidades

O baile de máscaras dado em 1829 pela duquesa de Berry, foi um dos acontecimentos mais interessantes dos mundos



mais sadio século XIX. A grande ideia da duquesa foi impôr aos convidados o traje da Renascença (pôsto em moda pela representação da peça «Henrique III e a sua côrte»). A duquesa decidiu que a sua festa comemoraria o casamento de Maria Stuart. E, para si, escolheu o traje da bela rainha da Escóssia. Nisto deu a duquesa uma prova de mau gosto. A sua figura pequena e a sua fealdade graciosa e sedutora não se coadunavam com



o que sabemos daquela bela e jovem rainha. O papel de Francisco II foi sustentado pelo duque de Chartres. Fizeram-se investigações nos arquivos para reconstituir o cortejo dos noivos, da rainha-mã, dos Guise. Queriam que os descendentes dos senhores que assistiram, então, à cerimônia comparecessem no desfile no lugar ocupado pelos seus antepassados. Ficaram surpreendidos que existissem apenas três. O jornal da época *Le Luxe Français*, de Bouchot, deu os mais curiosos particulares sobre a febre que se apoderou do mundo dos costureiros e dos artistas, febre que invadiu até a Biblioteca Nacional. Esse baile maravilhoso ficou memorável nas crônicas carnavalescas de há um século.

Crianças

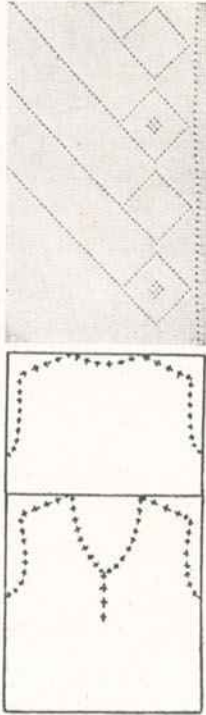
COM a proximidade da primavera, pensa-se em abandonar para os pequeninos, os agasalhos de inverno, os fortes casacos, mas é imprudente passar do extremo abafo para os vestidos ligeiros. As mães trabalhadeiras e cuidadosas, têm hoje na nossa secção um bonito modelo a imitar, em malha Dubied. É um *toilete trois pièces*. Uma saia, blusa e um casaco sem mangas. Vai acompanhado da amostra do ponto e de uma redução do molde a fazer, para a blusa, que tornarão muito compreensível este modelo. É muito prático nesta época porque agasalha a criança, sem lhe tolher os movimentos, como o fazem os abaços grossos de inverno. É um vestuário que a criança pode usar quando vai brincar, para qualquer jardim, tendo a vantagem, como é de lã, de não se resfriar. Mãos à obra, pois, para ser pronta a tempo a *toilette* de primavera da vossa filhinha.

Trabalhos femininos

NESTA época começa a fazer-se uma vida ar livre, uma vida de desporto, para que é necessário fazermos uns pequenos acessórios de *toilette*. Nada mais prático do que o bonito *bêret* e *écharpe* de que damos hoje o modelo. Feito em três côres, o azul, branco e vermelho, esta *écharpe* e *bêret* são de um lindo efeito, sobre uma *toilette* branca ou azul escura e facilísimos de executar, para a habilidade das nossas leitoras, tão práticas em trabalhos de *tricot*. O melhor ponto é o de mate e laço, que não tem avêso nem direito. A *écharpe* é feita de maneira a que fiquem os riscos enfiados. O *bêret* faz-se primeiro a copa, em azul escuro, e depois duas tiras, com as côres metidas, como a *écharpe*, colocadas de maneira a formar uma *torsade*. Forma um conjunto delicioso e de uma comodidade enorme para quem se dedicar ao desporto.

Cerimônia interessante

UMA pitoresca cerimônia realizou-se este ano em Arles, na capela da Caridade, tornada dependência de um palácio, pelas festas do Natal. Aquela antiga capela transformou-se num presépio vivo, ao qual nada



faltava. S. José, a Virgem Maria, o Menino Jesus, o burro, o boi e a tradicional ovelha. As 11,30 da noite chegaram os guardas da Camargne, cavalgando os seus brancos cavalos, armados dos seus tridentes, sob o comando dos seus dois poetas: o marquês de Barancelli-Javan e Joseph d'Arbaud; cada guarda tinha à garupa uma graciosa Mireille. Portadores de archotes, bailarinas de farandola e tambores abriam a pitoresca marcha... dos três Reis. Todos, cavalos compreendidos, entraram na capela hospitaleira, que se encheu de cantos dos «Natais Provençais» de Saboty. Os guardas apearam-se e, levando à rédea os seus cavalos, davam a mão às suas damas, indo depor nos pés do Rei dos Reis as suas simbólicas ofertas. Sal, pão, ovos. Em seguida vieram os bailarinos da farandola, que depois de oferecerem as suas flores, executaram uma graciosa dança. Em seguida todos tomaram lugar à mesa «Calendale», sobre a qual estavam os pratos tradicionais: alcachofras, caracois, pescadas e caldeiradas.

E troncos de árvore ardam na chaminé, como em tempos antigos.

Flores

NEM todas as flores foram criadas para a alegria dos olhos e do olfato. Há flores que foram criadas para ser comidas. Há cozinhados de flores. O mais antigo livro de cozinha, francês, data do século XVII e contém receitas de flores comestíveis. Mas os chineses conheciam antes de nós a gastro-

nomia das flores. Eis o que escreveu o sábio Wu-Ting-Tang, que foi também ministro do Império Chinês:

«Os europeus gostam das flores, mas amam-nas mal, deixam-nas murchar e morrer num jarro de água, num ramo ou numa corôa. E não pensam em comê-las. É um erro. O bulbo da dália, cozido em azeite, é delicioso, os botõezinhos de rosa fazem uma esplêndida salada. E a flor do crisântemo, misturada com mel e azeite, é um petisco.»

Paul Reboux, que publicou um livro de cozinha, chama à cozinha das flores ultrarealista. Esta cozinha interessou naturalmente Brillat-Sauvrin. De toda a maneira, os gulosos estão prevenidos, há flores que se podem comer. E quem não experimentou o doce oriental de rosa, não sabe o que é uma guloseima.

Artistas mãs

HÁ uma interessante exposição de retratos em Colônia, a das mais belas actrizes alemãs, do teatro de declamação, com os seus filhos. É interessante observar como algumas grandes actrizes, que na cena fazem o papel de ingénuas, são felizes mães de família. Até mães de adolescentes desempenham no palco com graça e suavidade papéis de meninas. Contraste entre a vida de família e a de teatro. Interrogando algumas artistas fica-se sabendo que ser mãe e artista, ao mesmo tempo, é uma situação cheia de responsabilidades e de dificuldades.

Estudar os papéis, ir aos ensaios, representar todas as noites, fazer *tournées*, tudo isso deixa à mãe pouco tempo para se ocupar dos seus filhos. Quantas, quando o teatro as chama, preferiam ficar junto da caminha do filho querido, sobretudo se a criança não está de saúde. É talvez esta a razão, que leva tantas actrizes a contrariar a vocação dos filhos, que sonham com o palco. Mas raramente vencem. O talento artístico é quasi sempre hereditário e aquele meio de esplendor e de aparência im-

pressiona de tal maneira a fantasia infantil, que sonham seguir a carreira que lhes promete glória e louros. Ao contrário há mulheres que sonharam com a carreira artística, e que a ela tiveram de renunciar e que fantasiam para os filhos a desejada carreira. A propósito disto conta-se uma pequena aneddoti: «A filha única de uma mais conhecida artista da Alemanha, frequentava havia pouco a escola sem ter a ambição de se salientar no estudo, como a tinha tido sua mãe. A sua pouca diligência fez com que a professora a fizesse sentar no último

banco da escola. Um dia a mãe veio à escola e vendo a pequenita naquele lugar disse-lhe: «Lisetta estou muito triste de te ver aí no último banco!» A pequenita consolou-a dizendo-lhe: «Não te apoquentes, mamã. De aqui vê-se tudo e muito bem.» É uma das mais lindas crianças da bela exposição de retratos de Colônia.

Moda masculina

Fêz-se nos jornais ingleses uma campanha para a revalorização da casaca. Algumas revistas de modas dizem que os continentais desviaram o que se pode chamar os direitos e os deveres do *smoking*. A maior parte dos que o usam pensam que é *chic* vesti-lo para ir jantar a um restaurante da moda, ou para acompanhar uma senhora a dançar. Nada de mais errado. O *smoking* não devia sair de casa ou do Club. Faz-se-lhe uma concessão quando se está num lugar de tratamento. Nesse caso o *smoking* deve ser largo de ombros e de peito, muito justo na cintura; camisa de dois botões e o colete branco. Não pode ser tolerada, como os jornais ingleses dizem que o fazem os meridionais da Europa, nenhuma nota de *côr*. É preciso não pôr na algibeira um lenço de seda, porque uma vez lavado torna-se amarelado. São permitidos na botocira os cravos brancos. O que deve vestir um homem elegante para acompanhar uma senhora a jantar ou a dançar? «A casaca sem excepção» responderá qualquer londrino.

Pensamentos

A ostra é para o juiz, as cascas são para o queixoso.

Tal árvore, tal fruto.

Encontra-se o destino no caminho que tomamos para o evitar.

Peixe pequeno torna-se grande se Deus lhe der vida.

O trabalho e a morte são horribéis de encarar.

A avaréza perde tudo querendo ganhar tudo.

O amor e o dinheiro são a preocupação da humanidade.

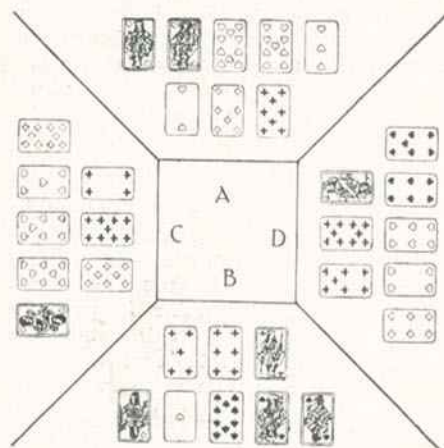
Viver é saber rir, quando a fatalidade nos ataca.

A juventude é uma ilusão, a velhice uma esperança, a morte uma certeza.



LA FONTAINE.

BRIDGE



Trunfo é copas.

A é o morto, que é mão e faz tôdas as oito vazas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA DO NUMERO ANTERIOR

B não deve sair pelo Rei de espadas, porque então C cortaria com a Dama de trunfo, faria o seu Az de oiros, e, pondo em seguida na mesa uma carta baixa de oiros, passaria a mão a D, que aproveitaria assim o seu único trunfo.

O jogo correcto é começar pelo Az de trunfo e jogar seguidamente o 3 de espadas. C corta com a Dama de trunfo e A, que tem de se acautelar para não contrariar o designio do pareeiro e se ver forçado a jogar paus, deita o Valete de copas. A seguir C faz o Az de oiros e joga uma carta baixa de oiros. B cobre com o Rei para que A não fique com a mão, e põe na mesa o Rei de espadas. C corta com o 9 e A desfaz-se do 7 de trunfo.

O seguimento do jogo desenrola-se agora entre C e B, tendo, entretanto, A, com muito custo, evita ser mão. C joga oiros, B cobre com a carta mais baixa possível e deita as espadas. Só então C faz o seu 6 de trunfo.

Ao todo C faz três vazas de trunfo e o Az de oiros. B alcançou por conseguinte os seus fins.

XADREZ

(Solução)

No caso do problema de Cook a solução é sem dúvida 1. P 8 C (fazendo T). Se fizesse Dama haveria empate.

No caso do problema de Loyd a solução é:

- 1. — P 8 B (e faz T) 1. R x T
- 2. — R 6 B, etc.

Se:

1. R 3 T

- 2. — P 8 T (faz D ou T) + etc.

Se:

1. R 3 C

- 2. — P 8 T (faz T) etc.

Se:

1. R x T

- 2. — P 8 T (faz Dama) e dá mate.

Fim de festa

ANEDOTAS

O PATRÃO (*tudo passar fóra uns dias*): — Se o meu compadre Policarpo vier cá enquanto eu estiver fóra, dize-lhe que não volto senão no sábado...

O CRIADO: — E se não vier, o que quer que lhe diga?...

Tratando dos princípios gerais de hygiene, o conferente exclama:

— Que deveremos nós fazer, enquanto esperamos a chegada do médico?

— O testamento, respondeu um ouvinte.

PORQUE SE USA A ALIANÇA DE CASAMENTO NA MÃO ESQUERDA?

Antigamente ninguém fazia ideia clara das funções desempenhadas pelo coração e acreditava-se vagamente que elle era o centro de tôdas as emoções. Presumia-se, está bem



de ver, que o amor nascia nêsse órgão — e às vezes ainda hoje costumamos dizer «negócios do coração, referindo-nos a questões amorosas. A explicação que se dava antigamente para ser o quarto dedo (contando-se o polegar como primeiro) da mão esquerda, o escolhido para nêle se usar a aliança de casamento, é que uma veia especial vem do coração directamente a êsse dedo. Isto é absurdo, já se sabe.

A razão dessa escolha parece ser a seguinte:

Nas primitivas cerimónias religiosas de casamento, o noivo collocava a aliança no polegar da noiva, pronunciando as palavras «Em nome do Padre»; depois no segundo dedo, continuando, «do Filho»; e no terceiro, concluindo, «do Espirito Santos». Collocava, em seguida, a aliança no quarto dedo, dizendo «Amen» e aí a deixava ficar.



NUM «PIC-NIC»: FLE — ONDE ESTÁ A MANTIGA? TELA — DENTRO DA CHALEIRA.

PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	
9		10							11
12	13		14						15
16		17							18
19				20	21	22		23	
24				25				26	
27				28				29	
30								31	
32				33	34	35	36	37	38
				39				40	
									41

Horizontais

- 1 — Cruzes que giram horizontalmente. 10 — Cortejas. 12 — Alguma coisa. 14 — Horto de rosas. 15 — Caminhe. 16 — Carta de jogar. 18 — Chefe abexim. 19 — Greda branca. 20 — Círculo de metal. 23 — Suspiros. 24 — Apêrto. 25 — Sinal ortográfico. 26 — Decorrido. 27 — Lista. 28 — Agora. 29 — Planície. 30 — Cólera. 31 — Composição lírica. 32 — Preposição e artigo. 33 — Vigor. 38 — Conjunção francesa. 39 — Tratante. 41 — Atacado de bexigas.

Verticais

- 2 — Pronome francês. 3 — Casa. 4 — Íntimo. 5 — Fruto. 6 — Data. 7 — Adjectivo comum. 8 — Tempo de verbo. 9 — Nome de mulher. 11 — Bacinete de arma de fogo. 13 — Mulher que lê. 15 — Presunção. 17 — Torua incommunicável. 18 — Ardo em ira. 20 — Prendo. 21 — Escarnecer. 22 — Fôlha de palmeira. 35 — Igual. 34 — Cantão da Suíça. 35 — Atilho. 36 — Astro. 37 — Pequeno rio de Portugal. 39 — Nociva. 40 — Artigo.

CONSELHOS PRÁTICOS

Como se faz um filtro? — O processo mais simples e mais barato é o que se pode fazer com um vaso de barro para plantas. Basta tavar o orificio do fundo com um pedaço de esponja e enchê-lo até metade com areia e pequeninas casca de o vaso sôbre uma vasilha e enchê-se de a areia e a esponja, ficará perfectamente filtrada na vasilha.

Como se curam queimaduras? — Tôda a queimadura que provenha do fogo ou da água fervendo será sanada sem dôr e sem que forme bôlhus, applicando-se sôbre a parte queimada cenoura crúa e raspada em forma de cataplasma. A dôr da queimadura é aliviada com um soluto de bicarbonato.

Modo fácil de limpar os metais dos móveis sem afectar a madeira — Faz-se uma mistura de cêra, essencia de terebentina e de esmeril e esfregue-se o metal com essa composição reduzida a massa, operando com um pedaço de linho macio.

Limpeza de vidraças — As vidraças podem-se limpar perfectamente, empregando na lavagem água com um pouco de amoníaco. O resultado é muito superior ao do uso do sabão.

Acaba de sair a 3.^a edição

DE

ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES

POR

AQUILINO RIBEIRO

«Os descritivos do romance, que muitos são, insinuando-se-nos alguns na retina como paisagens de mestre, encontram parceiros condignos nos diálogos que o salpicam e em que é flagrante a naturalidade.» — *César de Frias*.

1 vol. de 356 páginas, brochado. . . . **12\$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos á

LIVRARIA BERTRAND

73 Rua Garrett, 75 — LISBOA

PODE CONHECER A VERDADE!

DEIXE-ME DIZER-LHA GRATUITAMENTE

Certos factos passados, da sua vida, seus projectos futuros, suas possibilidades financeiras e muitos outros assumptos confidenciaes lhe são revelados pela Astrologia a mais antiga sciencia da Historia. A mesma sciencia lhe revelará os seus projectos de vida, felicidade conjugal, amigos e inimigos successo em suas emprezas, questões legais, especulações e muitos outros assumptos de interesse vital.



Deixe-me dizer-lhe quaes as forças cosmicas que podem influir na sua vida e modifical-a por completo, trazendo-lhe ao mesmo tempo o successo, a felicidade e a prosperidade, em vez de se expôr á falencia e ao desespero. Essas forças podem estar agora mesmo convergindo para si. A sua interpretação astrologica ser-lhe ha descripta em linguagem clara e simples em Portuguez e não ultrapassa duas paginas completas.

Tenha o cuidado de indicar na sua carta a data da sua nascença, seu nome e endereço bem legivelmente escriptos e com a sua propria mão. Se quizer pode mandar 5\$00 para cobrir as despezas postaes e de escripturas. É preciso escrever immediatamente se quizer receber o meu trabalho rapidamente. Póde ser que esta oferta não seja talvez renovada por isso, queira escrever já para:

**ROXROY Dep. 6602-A Emmastraat, 42
A HAYA (Hollanda)**

Selo para a Hollanda: 1\$25

As Minhas Aventuras pela Europa

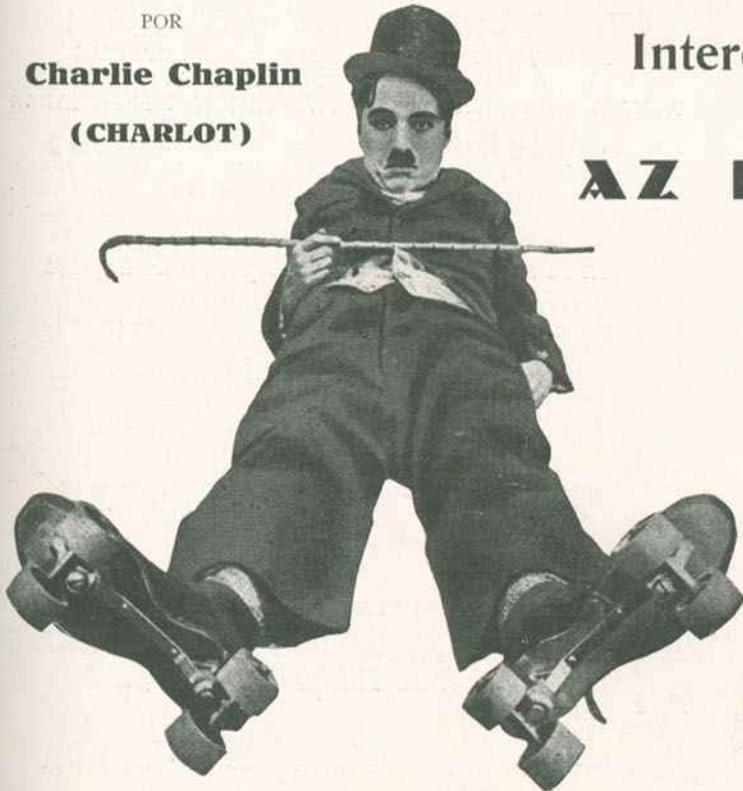
POR

Charlie Chaplin

(CHARLOT)

**Interessantissimo livro
do popular**

AZ DO CINEMA



1 volume de 250 páginas
brochado . . . **10\$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos á

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

ESTÁ Á VENDA O

Almanach Bertrand

Fundado por Fernandes Costa e coordenado por D. Maria Fernandes Costa

UNICO NO SEU GENERO EM PORTUGAL

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa — RECREATIVO, AMENO, INSTRUTIVO — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matematica muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos.

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 452 gravuras, cartonado **10\$00**
 Encadernado luxuosamente **18\$00**

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

33.º — ANO — 1932

**Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopedia da Vida Prática

COLECCÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS
 OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS
 A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensavel em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz tambem plenamente quanto sobre **todos os ramos profissionais e artisticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia

Obra de incontestavel utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR — MEDICINA PRÁTICA — SOCORROS DE URGENCIA — MOBILIÁRIO — LAVANDERIA — FARMÁCIA DOMESTICA — JARDINAGEM — PRODUTOS ALIMENTARES — COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS — PERFUMARIA — ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO — SEGREDOS DO TOCADOR — CONSERVAS — ANIMAIS DOMÉSTICOS — MANUAL DO LICOREIRO — METAIS — LIGAS E CIMENTOS — COURO E PELES — ANIMAIS DANINHOS — COPA E DOÇARIA — LAVORES FEMININHOS — HIGIENE DA BELEZA — PASSATEMPOS — LAVAGEM DE NÓDOAS — TECIDOS E VESTUÁRIO — VIDRARIA — ADUBOS — HORTICULTURA — VETERINARIA — VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 GROSSO VOLUME DE 1.152 PÁGINAS LINDAMENTE ENCADERNADO EM PERCALINA A CÔRES E OURO, CUSTA APENAS 30\$00

Pedidos às boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL — Rua da Condessa, 80 — LISBOA

**NOVO DICIONÁRIO
DA
LÍNGUA PORTUGUESA**

Por **CÂNDIDO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc.

QUARTA EDIÇÃO

Muito corrigida e copiosamente aumentada.

O Novo Dicionário é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa

A aparição do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, em 1900, foi calorosamente saúdada pela imprensa periódica de Portugal e do Brasil.

Em sessão da Academia das Ciências fez o elogio da obra o falecido académico Gonçalves Viana, grande autoridade portuguesa em assuntos de lingüística; e a principal corporação literária e científica da vizinha nação, a Real Academia Espanhola, que raros estrangeiros recebe no seu grémio, elegeu seu sócio o autor do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, aprovada a proposta, feita nesse sentido, pelo famoso escritor e diplomata Juan Valera, pelo filólogo e senador Daniel de Cortezar e pelo sábio Mir.

Podemos afirmar que o autor, à custa de longas e incalculáveis fadigas, conseguiu reunir, em todas as esferas da actividade e do saber humano, cerca de 130.000 vocábulos portugueses que ainda não estão registados nos menos incompletos e menos imperfeitos dicionários da língua pátria.

Um dicionarista conhecido, cuja obra abrange realmente numeroso vocabulário, ufana-se de que o seu dicionário abranja 66.000 vocábulos. Acrescente-se a esta cifra mais 53.613 e entrever-se-á que os vocábulos reunidos pelo sr. Dr. Cândido de Figueiredo no NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, abrange nesta nova edição um número que atinge 119.613 vocábulos ou artigos.

2 grossos vol. sólidamente enc. em carneira 250\$00

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80—LISBOA

**VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO
DA LÍNGUA PORTUGUESA**

Por **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortográfico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APENDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, 15\$00

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

UM DOS MELHORES BRINDES

Biblioteca das Noivas

Organizada por **César de Frias**

O Amor — A Mulher — O Lar

Cada volumezinho, broc. 3\$00

Pedidos à **Livraria Bertrand**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

A' VENDA EM TODAS
AS BOAS LIVRARIAS

TOLEDO

IMPRESSÕES
E EVOCAÇÕES

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**



PORTA «DEL PUENTE DE ALCANTARA»

1 Volume de 226 páginas
brochado Esc. 10\$00



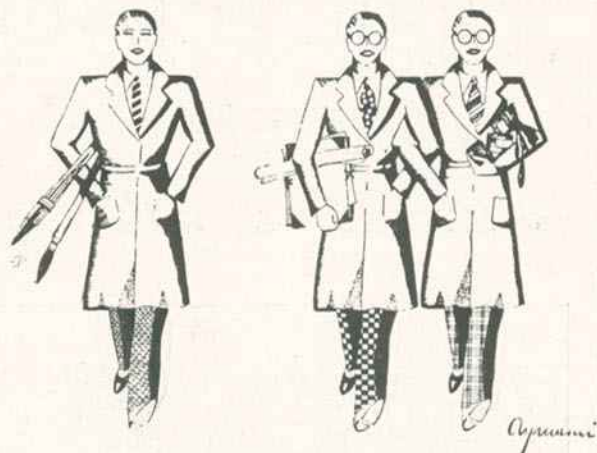
PEDIDOS AOS EDITORES

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
2 1368

BERTRAND
IRMÃOS, L. DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Acaba de sair a 9.ª edição

DE

Doida de Amor

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através deste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher».
— Julio Dantas.

1 vol. de 276 pags., brochado

10\$00

Pedidos à **Livraria Bertrand**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

**Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveriza-
ções, etc. — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

O MESTRE POPULAR

OU

O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura,
ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros
por **JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA**

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 - LISBOA

**Como obter ideias lucidas
e clareza de espirito**

POR

G. VOGT

Manual completo para se vencer a preguiça
da inteligência, a falta de energia, a fraqueza
de espirito, a falta de memória, etc., etc., segundo
os experimentados doutores *Haig, Cantani e Lévi*

1 VOLUME DE 154 PAGINAS, BROCHADO, 7\$00

PEDIDOS A

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 - LISBOA



ANTOLOGIAS PORTUGUESA E BRASILEIRA

Verdadeiro tesouro da língua e literatura portuguesa e brasileira, esta colecção destina-se a tornar facilmente conhecidos e estimados os melhores prosadores e poetas portugueses e brasileiros, antigos, modernos e contemporâneos. Todas as obsoletas modalidades de ortografia, pontuação, disposição tipográfica, etc., que tornam difícil ao comum do público a leitura dos clássicos mais antigos, são alteradas e modernizadas com cuidado, dando-se quanto possível a esta importante biblioteca um aspecto material moderno e convidativo.

Com intuito de simplificação e vulgarização, excluiu-se o texto que tornava pesada a sua leitura: citações de fontes, longas e difíceis transcrições latinas e passos de conteúdo literário menos interessante, etc., etc. E para que os volumes possam ser admitidos sem escrúpulo nas famílias, serão criados e arredados, na escolha feita, os termos ou textos considerados impróprios.

As Antologias recomendam-se especialmente:

As *Famílias* cuidadosas da boa educação literária de seus filhos;

As *Escolas*, necessitadas de textos para a leitura doméstica, e comentário nas aulas de língua, história e literatura nacionais;

Aos *Moços Poetas e Prosadores*, que assim encontrarão à mão os melhores modelos, guias e mestres;

Aos *Estrangeiros* estudiosos da língua e dos génios literários, a quem se oferece uma ampla e acessível vista de conjunto sobre este vasto campo;

A todos aqueles que, desejosos de completar a sua educação geral, com justa razão se queixam de que o tesouro da literatura portuguesa e brasileira jaz enterrado, ou na raridade e alto custo das edições antigas não refeitas, ou na vastidão da obra de tantos escritores, ou no carácter erudito de algumas das modernas edições.

Estas colecções têm encadernação própria, ao preço de **4\$00**

ANTOLOGIA PORTUGUESA

Ordenada, prefaciada e enriquecida de notas e comentários pelo Dr. Agostinho de Campos

JÁ PUBLICADOS:

Afonso Lopes Vieira (1 vol.)

Alexandre Herculano (1 vol.)

Antero de Figueiredo (1 vol.)

Augusto Gil (1 vol.)

Camões lírico (4 vols.)

Eça de Queirós (2 vols.)

Fernão Lopes (3 vols.)

Frei Luís de Sousa (1 vol.)

Guerra Junqueiro (1 vol.)

João de Barros (1 vol.)

Lucena (2 vols.)

Manuel Bernardes (2 vols.)

Paladinos da linguagem (3 vols.)

Trancoso (1 vol.)

Estes volumes são do formato 12×19 e têm 320 a 360 páginas

Cada volume brochado **12\$00**

ANTOLOGIA BRASILEIRA

Ordenada, prefaciada e enriquecida de notas e comentários pelo Dr. Afrânio Peixoto

JÁ PUBLICADOS:

Castro Alves (1 vol.) — **José Bonifácio** (1 vol.) — **Vieira Brasileiro** (2 vols.)

ASSINATURAS — Similarmente ao que estabelecemos para a *História de Portugal*, por Alexandre Herculano, facultamos a aquisição das *Antologias*, Portuguesa e Brasileira, por assinatura, sendo a remessa dos seus volumes feita em períodos semanais, quinzenais ou mensais, conforme o sr. assinante quiser e no-lo determinar no seu pedido. Assim adquirirá ele esta obra notabilíssima, cuja presença por si só honra uma biblioteca, nas condições mais favoráveis a pouco e pouco e sem qualquer encargo pesado.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

CONTINENTE E ILHAS — Incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, cada vol. em br. 12\$00

» » » — Encadernado em percalina, com ferros especiais e letras a ouro 16\$00

COLÓNIAS PORTUGUESAS — Pagamento adiantado — Incluindo despesas de correio e embalagem, os mesmos preços do Continente e Ilhas

Para assinar esta obra basta, num bilhete postal, requerê-lo aos editores

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Sanoff

BOLACHIAS

A GRANDE
M A R C A
PORTUGUESA



Variadas e
saborosissimas
qualidades

UM UNICO FABRICO
O MELHOR

NACIONAL